

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

300

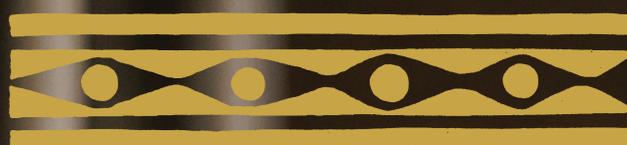
Mês: Maio

Ano: 2024

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br



Posse histórica na ABL

Primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Casa de Machado desde a sua fundação, o ambientalista, filósofo e poeta Ailton Krenak tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em cerimônia histórica, com a presença, entre outras autoridades, da ministra da Cultura Margareth Menezes, do ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, da presidente da Funai, Joênia Wapichana, e do representante do ministério dos Povos Indígenas, Eloy Terena. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Foto: Richam Samir



Foi uma festa de extraordinário relevo a posse de Ailton Krenak na cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras (ABL), antes pertencente ao historiador José Murilo de Carvalho. Falou mais de 50 minutos de improviso e abordou temas de grande importância, como as questões brasileiras de meio ambiente. Lideranças indígenas prestigiaram a noite. Grandes nomes da cultura brasileira foram lembrados, como Darcy Ribeiro, Cândido Rondon e até escritores que não pertenceram aos quadros da ABL, como Carlos Drummond de Andrade. Krenak afirmou que é um só, mas naquela noite representava pelo menos 180 etnias, hoje existentes no Brasil. Tudo foi muito significativo.

O Editor



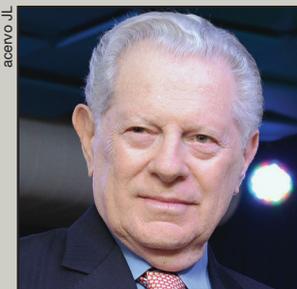
Primeira mulher negra a ingressar na Academia Mineira de Letras, a escritora, poetisa e professora Conceição Evaristo recebeu o diploma do acadêmico Rogério Faria Tavares.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



O primeiro indígena na academia

Durou quase duas horas o discurso de improviso de Ailton Krenak na posse do primeiro indígena na centenária Academia Brasileira de Letras (ABL). Foi uma festa muito bonita, em que se falou dos povos originários e do meio ambiente. O novo membro da ABL foi saudado pela acadêmica Heloísa Teixeira, que recordou a importância da cadeira número cinco, ocupada entre outros por Ivan Junqueira e Rachel de Queiroz, a primeira mulher a entrar para a Casa de Machado de Assis.

A originalidade do discurso de Krenak pôde ser anotada em diversos momentos, como na homenagem a outros defensores dos povos originários. O Marechal Cândido Rondon, mesmo não tendo pertencido à cadeira número 5, foi homenageado. “O rito nos põe num lugar de criação de mundos”, disse ele, diante de uma casa cheia, em que se destacava a presença de autoridades como o presidente da Funai, Joenia Wapichana, a ministra da Cultura, Margareth Menezes e o ministro dos Direitos Humanos, Sílvio Almeida.

O pensamento filosófico de Krenak, expresso em alguns livros de sua autoria, como *A Vida Não É Útil* e *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*, em que foi difundido o pensamento ameríndio, propondo novos modos de vida e maneira de se relacionar com o meio ambiente, foi devidamente apreciado pois foi aplaudido seguidamente pela plateia.

Outros imortais foram homenageados, como Darcy Ribeiro, José Murilo de Carvalho e Gilberto Gil, este chamado de “mestre”, com o discurso interrompido por aplausos.

Krenak criticou o que ele chama de “humanidade zumbi”, uma ideia de progresso que deslocou os homens do corpo a terra, levando ao consumo desenfreado e à destruição da natureza.

Além de Carlos Drummond de Andrade, que não foi acadêmico, o novo acadêmico prestou homenagem a autores africanos como Mia Couto e José Eduardo Agualusa. Abordando questões indígenas, negras e ambientais, fez um discurso político de primeira ordem. Por isso, agradou bastante.

“A literatura é sempre uma expedição à verdade.”

Franz Kafka

“Quem tem imaginação, mas não tem cultura, possui asas, mas não tem pés.”

Joseph Joubert

O sucesso do Jornal de Letras

Os primeiros tempos do JORNAL DE LETRAS foram vividos pela família Gueiros, no estado de Pernambuco, depois no Rio de Janeiro. São mais de 50 anos de belos serviços à literatura brasileira. Há 26 anos, assumiu o comando do mensário a dupla de acadêmicos Arnaldo Niskier e Antônio Olinto, alimentados pelo convívio na Casa de Machado de Assis. Com a preocupação dominante na ABL: o cultivo da língua e da nossa literatura.

Daí resultou o sucesso do JL, com uma particularidade a ser destacada: a presença do periódico nas universidades brasileiras, especialmente nas suas bibliotecas. As variadas seções têm



JL 300: símbolo de resistência

Manoela Ferrari

Com o prisma da contemporaneidade, sem deixar à parte sua origem de preservação memorialística, o JORNAL DE LETRAS chega à sua 300ª publicação, superando crises e obstáculos econômicos, em sua extraordinária aventura existencial. Sua trajetória está crivada de valiosas pegadas provindas dos seus fundadores. Sobrevivemos, a despeito de navegarmos em períodos nebulosos.

Contamos, para o êxito da permanência, com a coragem, perseverança e ousadia do nosso diretor-presidente Arnaldo Niskier, liderança incansável na preservação e honra da cultura brasileira. Fundador do JORNAL DE LETRAS (com o saudoso imortal Antônio Olinto, em 1998), ex-secretário de Educação e de Cultura, do Rio, o acadêmico foi extraordinário presidente da Casa de Machado e é reconhecidamente um dos nossos mais importantes educadores.

Filiado à máquina do pensamento brasileiro que responde pela arte e pela criação, em concordância com uma conduta democrática, o JL não se quis insondável. Em todos os momentos, ao longo das 300 edições, franqueou o seu espaço para quaisquer manifestações artísticas de qualidade – não só as letras –, a fim de permitir ao leitor avaliar, em toda extensão, o valor das irradiações culturais que ganham robustez nas frutíferas áreas da produção criativa.

Solidamente amparada pelo legado oriundo de seus notáveis intelectuais de origem, a publicação segue fazendo história através de profissionais comprometidos, seres de cultura que resistem em entregar-se à ignorância e à desesperança. Há vinte e seis

sido muito elogiadas, como a coluna Breves, onde são anotadas notícias sobre novos lançamentos ou a página a respeito de novos livros. Há muito interesse nessas matérias.

Há uma grande sinergia entre o jornal e o programa de televisão chamado *Identidade Brasil*, Canal Futura (Canal 534), que vai ao ar nos domingos às 21h30, com reprise às sextas-feiras, à meia-noite. A transcrição da entrevista é publicada no JL, na íntegra, de acordo com o lançamento projetado.

A direção e apresentação do programa é de nossa responsabilidade, com um aspecto que cabe ressaltar: a circulação do mesmo é de âmbito nacional. Segundo dados da própria emissora, tem 21 milhões de espectadores, somando a apresentação e a reprise. É o terceiro programa em audiência da emissora, o que não deixa de ser um feito notável.

Por aí se mede a importância desse conjunto de veículos que sempre acreditou no seu trabalho de difusão da cultura.

anos ininterruptos, chegamos aos leitores mensalmente, levando um panorama amplo da produção artística nacional.

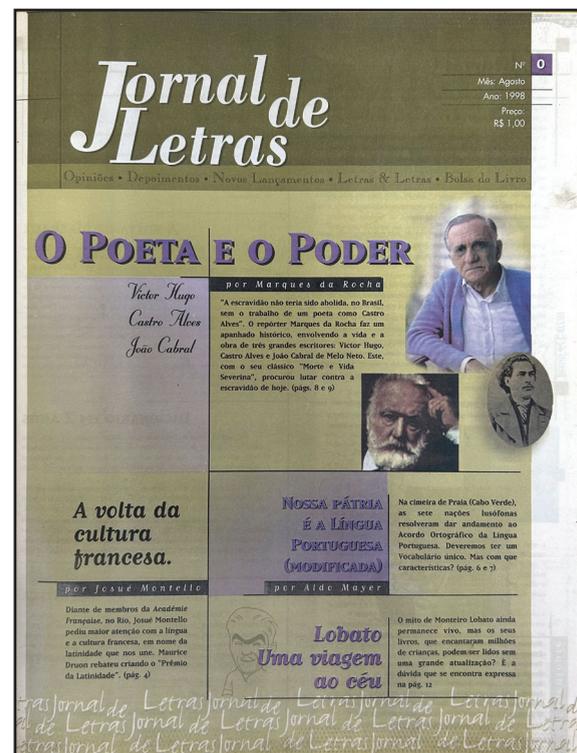
Disposta em não esmorecer diante do propósito de lutar pelo respeito a um projeto cultural cada vez mais amplo e robusto, a equipe

do JL segue integrada à linhagem de intelectuais

que confia na educação e na cultura como fontes permanentes de vida, lutando para imprimir marcas civilizatórias longe ainda de se firmarem. Guardiões crédulos na permanência da cultura, inspiramos os que fenecem. Seguimos convencidos de que a nossa missão é resistir: pinçar as sobras e fazê-las brotar. A língua, a literatura, a memória, os livros, as letras: os intangíveis herdados dos nossos fundadores nos cabe preservar.

Que venham outras 300 edições!

Reprodução da capa do *Jornal de Letras* número 0, o primeiro sob o comando editorial da dupla Arnaldo Niskier e Antonio Olinto, publicado em agosto de 1988.



● O ACADÊMICO CELSO LAFER foi eleito para a Academia das Ciências de Lisboa, como membro correspondente, com maioria total dos votos. Vai ocupar a vaga deixada por Lygia Fagundes Telles.

● *REBELDES E MARGINAIS* (Ed. Bazar do Tempo), da imortal Heloisa Teixeira, dissecou a cultura produzida no Brasil, entre os anos 1960 e 1970.

● COMPLETANDO SEIS ANOS de atividades, a Casa Roberto Marinho lançou *A Escolha do Rosa*, contando a história da vocação cultural do espaço que, durante seis décadas, serviu de residência para a família do acadêmico, jornalista e empresário Roberto Marinho (1904-2003).

● *FELICIDADE INEGOCIÁVEL E OUTRAS RIMAS* (Harper Collins, 2024) mostra outro lado da best-seller Thalita Rebouças, escrevendo para mulheres de meia idade. Em mais de 60 textos, que intercalam prosa e poesia, aborda temas como menopausa, separação e a decisão de não ter filhos.

● SAIU, PELA L&PM, *O que Não Tem Censura, Nem Nunca Terá: Chico Buarque e a repressão artística durante a ditadura militar*, do jornalista Márcio Pinheiro.

● A PSICÓLOGA E NUTRICIONISTA Thaís Araújo lançou *Enfezado Nunca Mais – Como ter um intestino livre na prática*, pela Editora Rocco.

● O LANÇAMENTO DA OBRA *Enunciados sobre a Oração*, traduzido do grego por João Carlos Nara Jr., contou com uma palestra sobre o pensamento de Evágrio Pôntico (345-399), na Igreja da Antiga Sé, no Centro histórico do Rio.

● EM *DENGUE BOY: A INFÂNCIA DO MUNDO* (Ed. Amarcord), o premiado escritor argentino Michel Nieva imagina o mundo tomado por vírus produzidos por empresas farmacêuticas.

● *A BALADA DO MEDO* (considerado o melhor livro de 2019 pela Sociedade Portuguesa de Autores), do alemão natu-

ralizado português Norberto Morais, foi lançado no Brasil pela Editora Tordesilhas.

● *ESTRELA DE MADUREIRA* (Ed. Record), de Marcelo Moutinho, mostra como Zaquia Jorge (que teve morte trágica aos 33 anos) surpreendeu a sociedade ao investir em Teatro de Revista, no tradicional subúrbio carioca.

● AS PSICÓLOGAS MÁRCIA NOLETO e Mariana Magalhães reúnem relatos inéditos de 16 personalidades brasileiras, além dos próprios depoimentos, em *Lutos* (Summus Editorial), obra que trata da dor causada por perdas significativas.

● A NOVA EDIÇÃO DE *Ética*, de Baruch Espinoza, lançada pela Editora 34, traz tradução de Diogo Pires Aurélio, que também assina as notas e a introdução deste clássico da filosofia moderna.

● DIRIGIDO AO PÚBLICO INFANTOJUVENIL, *Conceição* (Ed. Bazar do Tempo), de Fabiana Therense, conta a biografia da mineira Conceição Evaristo, eleita para a Academia Mineira de Letras.

● LANÇADO PELA 7LETRAS, a edição *Metrô* comemora os 30 anos desta obra do poeta e crítico literário Adriano Espínola, com a proposta de conduzir o leitor, liricamente, pelos subterrâneos cariocas.

● *NOVE PARA O SINGULAR* (Ed. Zagondini), livro de estreia de Luiz Vianna Sobrinho, reúne histórias que parecem tragédias, num jogo literário que oferece liberdade de escolha ao leitor.

● AO APRESENTAR A VIDA da psiquiatra Nise da Silveira – e do gato Carlinhos – de forma lúdica, com ilustrações e colagens divertidas de Fê, o jornalista Claudio Fragata chama a atenção para um trabalho reconhecido no mundo todo, no livro *O Pulo do Gato* (Ed. Elo).

● *TRILOGIA DE COPENHAGEN* (Companhia das Letras), da dinamarquesa Tove Ditlevsen, formam uma nar-

DISCUTINDO O SEXO DOS ANJOS Sem o Menor Preconceito



rativa cronológica de histórias de coragem e brutalidade, recriando a atmosfera sufocante dos seus anos de formação.

● PRIMEIRO LIVRO DA ESCRITORA francesa Nathalie Léger publicado no Brasil, *A Exposição* (Ed. DBA) apresenta uma narrativa ensaística em torno da Condessa de Castiglione, aristocrata e agente secreta italiana, amante de Napoleão.

● OS TRÊS ENSAIOS E A ENTREVISTA que compõem *Crises da República* (Ed. Crítica), de Hanna Harendt, foram escritos entre 1968 e 1971, período marcado pela luta por direitos civis.

● JOAQUIM DE ALMEIDA, de Luís Nicolau Perés, lançado pela Companhia das Letras, aponta que o sistema escravista sempre esteve a serviço dos interesses da classe senhorial branca.

● AUTOR DO BEST-SELLER *A Paciente Silenciosa*, Alex Michaelides volta às livrarias com *A Fúria* (Ed. Record), um thriller em torno de celebridades.

● COM TEXTOS E ILUSTRAÇÕES DE Silvana Rando, a Editora Brinque-Book lançou *Bibo no Mercado*, novo livro do simpático coelho.

● EM *LOUÇAS DE FAMÍLIA* (Ed. Autêncita Contemporânea), romance de estreia da poeta

gaúcha Eliane Marques, a narradora Cuandu investiga as opressões de raça, gênero e classe suportadas por sua árvore genealógica.

● INSPIRADO NA HISTÓRIA REAL de um grupo de justiceiros, *Gambé* (Companhia das Letras) é o novo romance do jornalista e escritor paulista Fred Di Giacomo Rocha.

● *RAUAI* (Ed. SOPHIA), romance de estreia da pernambucana Katyuscia Brito, explora o universo sem lei de uma das regiões mais perigosas do nordeste brasileiro.

● ROBERTO RODRIGUES, O SEMEADOR (Ed. Disruptalks), de Ricardo Viveiros, traça um cuidadoso perfil do engenheiro agrônomo, professor da Unesp, especialista em agronegócio e ministro da Agricultura e Pecuária Roberto Rodrigues.

● *TRÊS* (Ed. ASINHA), livro de estreia da baiana Gabriela Sandes, traz lições de amizade e convivência, antes mesmo do nascimento. O texto é apresentado em português e espanhol, língua materna da ilustradora argentina Laura Ripese.

● COM TRADUÇÃO DE Jefferson Teixeira, a Editora Valentina lança a terceira parte da série de sucesso *Antes que o Café Esfrie*, de Toshikazu Kawaguchi.

Na ponta da Língua

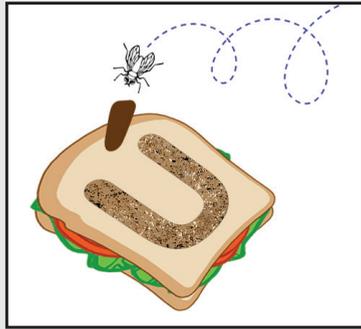
Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Sanduíche ruim

“Valéria pediu sanduíche recheado de peito de peru, mas a garçonete disse que não tinha.”

Ainda bem! Veja: **peru** é palavra oxítona terminada em **u**, portanto não deve ser acentuada. Lembrando que as oxítonas terminadas em **i** também não devem ser acentuadas. Ex.: Pacaembu, caju, urubu, Parati, abacaxi etc. O acento somente é admitido quando formar hiatos com a vogal anterior. Ex.: Itaú (hiato **a-u**), baú (**a-u**), Itajaí (**a-i**) etc.

Período correto: “Valéria pediu sanduíche recheado de peito de **peru**, mas a garçonete disse que não tinha.”



Dançarino

“William achava que era um exímio pé-de-valsas, mas pisou no pé de sua namorada no salão da festa.”

Escrevendo assim, não tem como dançar bem. Não se emprega o hífen nas locuções substantivas.

Frase correta: “William achava que era um exímio **pé de valsas**, mas pisou no pé de sua namorada no salão da festa.”

Museu

“Ricardo adorou conhecer o Museu Aero-Espacial.”

Não deve ter sido uma visita agradável. Não se emprega o hífen quando o prefixo ou pseudoprefixo terminar em vogal e o segundo elemento começar por vogal diferente. Ex.: **coirmão**, **autoindução**, **extraescolar** etc.

Frase correta: “Ricardo adorou conhecer o Museu **Aeroespacial**.”

Fedido

“Adriana não queria ficar perto do primo, que estava mal-cheiroso.”

Não creio que estava fedorento, escrevendo assim. Não se emprega o hífen nas palavras compostas em que o advérbio **mal** se liga ao elemento seguinte iniciado por **consoante**. Ex.: **maldisposto**, **malfalado**, **malnascido** etc.

Frase correta: “Adriana não queria ficar perto do primo, que estava **mal-cheiroso**.”

Queimando a largada

“Os pilotos vão se colocarem no grid, para a relargada.”, disse o locutor, sobre a corrida de Stock Car que fora interrompida.

Essa corrida não vai acabar bem! A concordância verbal: o sujeito (os pilotos) pede o verbo no singular (colocar).

Frase correta: “Os pilotos vão se **colocar** no grid, para a relargada.”

Viagem atrasada

“Renata pegou o microônibus, mas chegou bem atrasada no recital.”

Coitada! Será que o responsável pelo atraso foi o hífen? Veja: quando o prefixo terminar com vogal e o segundo elemento começar com a mesma vogal, o hífen é obrigatório: **micro-ondas**, **contra-ataque**, **semi-interno**.

Frase correta: “Renata pegou o **micro-ônibus**, mas chegou bem atrasada no recital.”

Estar, está e esta

Para não errar nunca mais:

Estar: verbo estar no infinitivo pessoal.

Ex.: Faço de tudo para **estar** o resto da minha vida empregado.

Está: verbo estar na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Ela **está** animada para o baile da primavera.

Esta: pronome demonstrativo.

Ex.: **Esta** mulher ficou preocupada com a demora do navio.

Ataque inofensivo

“Renato retornava para casa, quando foi atacado por bandidos encapuzados.”

Nada de mal lhe aconteceu! Não existe a palavra “encapuzado”. O adjetivo **encapuzado** é o correto, derivado do verbo **encapuzar**, cobrir-se com capuz.

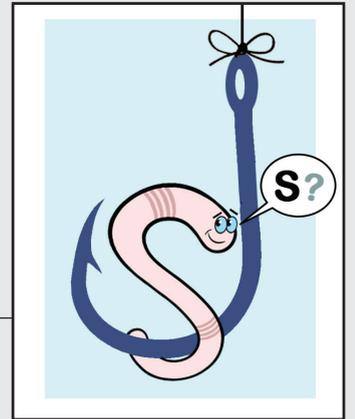
Período correto: “Renato retornava para casa, quando foi atacado por bandidos **encapuzados**.”

A pescaria deu errado

“Alexandre aguardava os ventos favorável para levantar as velas e voltar ao porto.”

Escrevendo dessa forma, não vai pescar nada! Veja como fica o plural das palavras compostas: substantivo (**ventos**) + adjetivo (**favorável**) – os dois elementos vão para o plural – **ventos favoráveis**.

Período correto: “Alexandre aguardava os **ventos favoráveis** para levantar as velas e voltar ao porto.”



Emoção demais

“A sobrinha do político preso disse: ‘Ficamos fora de si com a prisão do nosso tio.’”

É emoção demais, até errou a concordância. Veja: o pronome deve concordar com o verbo. **Nós** ficamos fora de **nós**.

Período correto: “A sobrinha do político preso disse ao jornalista: ‘Ficamos fora de **nós** com a prisão do nosso tio.’”

Cultura no digital

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

A migração para o digital é fato consumado. Cada vez mais demandas da vida cotidiana se alojam na grande nuvem para onde migraram os bancos de dados reunidos por pessoas físicas e jurídicas. Se o manuseio das novas tecnologias pode agastar o pouco resistente a falhas tecnológicas e oscilações de sinal de internet, não há dúvida quanto à tendência de democratização do conhecimento advinda dessa nova concepção de mundo. Para os pesquisadores em geral, uma generosa contribuição.

Lembra-me ainda os tempos, não tão recuados, em que a consulta a documentos recolhidos, a obras raras, a processos judiciais findos, a registros públicos, civis e eclesiais, dependiam de deslocamento até o arquivo e de permissão para acesso ao suporte da informação, nem sempre em bom estado de conservação. Investigações e pesquisas se faziam mais facilmente então de temas “locais”, ou senão, com um pouco de sorte, mediante bolsas que custeassem viagem e estadia. Consultar livros fora de catálogo, ou títulos de circulação restrita, demandava paciência e tenacidade. A possibilidade de desistir era ameaça palpável e que se avistava ali mesmo, na esquina.

Atualmente cada vez mais documentos estão hospedados *on-line*. Bibliotecas, pinacotecas, discotecas inteiras disponibilizadas, bastando ao interessado munir-se do endereço digital e seguir as instruções de acesso. Beneficiei-me pessoalmente desse estado de coisas ao me utilizar para escrita

da tese de Doutorado de fontes legislativas portuguesas desde o século XV, consultadas nos repositórios legislativos (geralmente oitocentistas) disponíveis em sites de Universidades e organizações. E por aí vai: procure-se, por exemplo, um artigo qualquer publicado num número recuado da *Revista Brasileira*: vá-se ao site da Academia Brasileira de Letras e o achará. Acesse-se a monumental coleção da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, publicada desde 1839 – um repositório de textos e documentos relevantes e de outra forma, repita-se, pouco acessíveis, até mesmo pelo estado físico dos volumes. Felizmente outras iniciativas semelhantes vão surgindo um pouco por todo lado: instituições culturais disponibilizam consulta ao banco de dados que lista o acervo, ou hospedam diretamente em seus sites a produção cultural de que sejam detentoras. Confira-se, por exemplo, as inúmeras publicações acessíveis na página da Academia Espírito-santense de Letras.

Ainda que na busca pela informação nosso interesse se volte para obra não disponível *on-line*, a facilidade na digitalização e no compartilhamento inaugurou uma nova era para os pesquisadores. Exemplifico com um sucedido comigo mesmo, há poucos dias: há anos procuro o livro *Dos Oito aos Oitenta e Tantos*, de Alfredo Freyre (pai de Gilberto Freyre), publicado em 1970 pela Universidade Federal de Pernambuco. Depois de inúmeras buscas por aí, *on* e *out-line*, lembrei-me de um amigo, confrade do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, que recebeu minha demanda, diligenciou e em poucos dias disponibilizou-me cópia do trecho que me interessava.

Claro, nessa de prospecção de raridades não podem faltar nem sorte nem amigos bem-informados. Mas a perspectiva de cultura no digital é um feliz contraponto à ameaça da propagação de radicalismos e desinformação que vem invadindo as redes.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é sócio do PEN Clube do Brasil.

RICARDO CAVALIERE

Gramática e léxico

Foto: Michael Félix



Arnaldo Niskier: Hoje vamos falar sobre a língua portuguesa e trouxemos o professor e acadêmico Ricardo Cavaliere. Ele foi eleito recentemente para a Academia Brasileira de Letras e hoje faz parte, como profissional brilhante que é, da sua Comissão de Lexicografia e Lexicologia. O que isso representa?

Ricardo Cavaliere: A lexicologia e a lexicografia são disciplinas irmãs que cuidam do léxico do idioma. A lexicologia estuda o léxico, suas características, sua composição, e a lexicografia tem a tarefa de elaborar os léxicos, os dicionários, os vocabulários ortográficos. Em suma, tem uma tarefa mais prática.

Arnaldo Niskier: Então, com essa clareza, por que estão pensando em mudar o nome dessa comissão?

Ricardo Cavaliere: Na realidade, a mudança do nome, que passaria a ser Comissão de Gramática e Léxico, visa a ampliar a atuação da Academia na área da língua portuguesa, porque, com a denominação Gramática e Léxico, a Academia poderá continuar a produzir pesquisa e textos na área do léxico, como vem fazendo até hoje, por exemplo, com o dicionário da Língua Portuguesa, com o Vocabulário Ortográfico e também poderá promover projetos futuros na área da gramatografia do português.

Arnaldo Niskier: Uma curiosidade: uma palavra, quando entra no dicionário, não sai nunca ou ela pode ser, lá pelas tantas, jogada fora?

Ricardo Cavaliere: Pode. Na realidade, o léxico é uma espécie de depósito de palavras em que há uma constante entrada e saída de termos. Saída também. O português já teve palavras como, por exemplo, o advérbio *asinha*, que significa depressa, que hoje já não consta dos léxicos contemporâneos. É uma palavra que caiu em desuso. O falante, por motivos vários, deixou de usar a palavra no cotidiano do uso da língua e, com isso, os léxicos se atualizam, os dicionários se atualizam e deixam de registrar o termo.

Arnaldo Niskier: Quem determina o que entra e o que sai de um dicionário?

Ricardo Cavaliere: Em termos de língua, não só portuguesa, em qualquer língua, quem determina tudo é o falante, *lato sensu*. É o uso linguístico que determina, por exemplo, os tipos de construção frasal que são aceitos como válidos, como também o conjunto de palavras de que se deve servir para construção de frases em português. Então, se o falante, por algum motivo, deixou de usar o termo, esse termo acaba por ser um arcaísmo. Ele passa a não constar mais dos léxicos contemporâneos.

Arnaldo Niskier: E quem determina o que entra e o que sai é a própria Academia Brasileira de Letras.

Ricardo Cavaliere: Na realidade, o lexicógrafo faz uma pesquisa constante sobre a presen-

ça da palavra ou do termo no corpo da sociedade, no corpo dos falantes e, em face dessa pesquisa, opta por manter ou retirar a palavra dos dicionários e dos vocabulários. Como também a pesquisa lexicográfica e lexicológica é que determina se uma nova palavra deve ingressar no corpo de um dicionário.

Arnaldo Niskier: Você, certamente, como especialista consagrado que é, acompanha a discussão em torno da inteligência artificial. É uma ferramenta extraordinária. Já tem muita gente contrária, como sempre acontece nas discussões sobre as coisas dessa natureza. Como é que você vê, por exemplo, a introdução de termos decorrentes do uso dessa ferramenta?

Ricardo Cavaliere: Vejo com, digamos, certa apreensão, porque toda novidade sugere uso imediato, devido às possibilidades imensas que traz. No caso da lexicografia, sobretudo, seria muito perigoso deixarmos em uma ferramenta de inteligência artificial decidir, por exemplo, se uma palavra já consta ou não do uso corrente da língua. Então, acredito que a inteligência natural, que é a inteligência humana, ainda deva permanecer nesse tipo de tarefa.

Arnaldo Niskier: Você acha que a inteligência artificial pode ser útil nesses trabalhos da Academia?

Ricardo Cavaliere: Acredito que possa ser útil na execução da formação de verbetes num dicionário e na escolha de *corpus* de investigação. Cada verbete, além de ter o lexema correspondente, que é a palavra que consta na cabeça do verbete, tem também uma confirmação do uso desse lexema em suas várias acepções, em seus vários sentidos. Para isso, o dicionarista tem que se valer de um *corpus* de comprovação de uso. Acredito que a inteligência artificial venha a facilitar a consulta a esse *corpus* para comprovação do uso dos lexemas.

Arnaldo Niskier: Como especialista que é, você acompanha o que se passa no resto do mundo, sobretudo do mundo desenvolvido, em relação à aplicação em dicionários de vocabulários. Fui à Espanha há algum tempo, fiquei impressionado. Visitei a Academia Espanhola de Letras. O presidente era Dom Fernando Ferreter e ele me disse que trabalham na lexicografia e na lexicologia, na Espanha, 80 especialistas. Sei que não temos nem dez. Como é que pode?

Ricardo Cavaliere: Olha, é um trabalho beneditino, porque a língua portuguesa, pelo menos na projeção do nosso léxico, do nosso dicionário, chegaria a mais de 200.000 verbetes. Há dicionários já publicados até com mais de 250.000 verbetes, quase 300.000 verbetes. E elaborar esses verbetes, quer dizer, o conjunto desse trabalho requer mão de obra especializada e, sobretudo, um trabalho coeso, em que todos trabalham segundo os mesmos princípios lexicográficos. Não é fácil montar uma equipe como essa.

Arnaldo Niskier: Quero muito saber de você, porque esse tema é muito atraente, não é? Explique, por favor, em poucas palavras, como é que um termo entra no dicionário, por exemplo. Há uma sessão de novas palavras? Como é que elas são escolhidas? Isso é aleatório? Existe alguma especificidade? Como é que isso funciona?

Ricardo Cavaliere: Primeiramente atesta-se a presença da palavra no uso cotidiano ou no vocabulário que o falante, em geral, utiliza no cotidiano da vida. Depois, para que essa palavra seja efetivamente dicionarizada, é preciso que sigamos alguns critérios. Primeiro, a frequência de uso. Segundo, o uso em texto escrito é fundamental, porque convalida a presença da palavra como algo que já passou, digamos, da fase de um mero modismo e, sobretudo, o uso em textos de gêneros distintos, textos literários, não literários, textos jornalísticos, textos científicos. Quer dizer, se a palavra tem uma frequência significativa de uso em mais de um gênero textual, em texto escrito, a comissão faz uma avaliação sobre a sua possibilidade de constar no dicionário.

Arnaldo Niskier: Para ser bem claro no exemplo, recentemente, por sugestão sua, a Academia colocou no seu dicionário a palavra dorama. Foi uma celeuma. Vi, na Folha de São Paulo, alguns leitores criticando a Academia por causa do uso de uma palavra que faz parte da vida japonesa ou coreana, ou das duas indistintamente. Por que a palavra dorama entrou e foi alvo dessa polêmica? O que você explica a respeito?

Ricardo Cavaliere: Dorama ingressou, porque houve uma constatação de seu uso em texto escrito, sobretudo, em mais de um gênero textual, gênero jornalístico, até mesmo em texto literário constatou-se o uso e, portanto, convalidou-se o termo como uma palavra, um substantivo que já está presente no léxico do português brasileiro cotidiano. Agora provocou uma certa celeuma, porque a palavra tem, evidentemente, origem japonesa, porque é uma pronúncia japonesa da palavra drama e algumas pessoas julgavam que as produções para o cinema ou para televisão, que não tinham origem japonesa e sim outra origem, a asiática, como, por exemplo, coreana, não deveriam ser denominadas com essa palavra, a palavra dorama. Ocorre que, no Brasil, o termo engloba as produções cinematográficas e, na área da televisão também, as séries televisivas, tanto de origem japonesa quanto de origem coreana ou até de outras origens asiáticas.

O que importa é o uso da palavra no Brasil, como o falante brasileiro usa a palavra no cotidiano fora da língua portuguesa.

Arnaldo Niskier: Quando entra, não quer dizer que vai ficar a vida toda, porque cai em desuso também.

Ricardo Cavaliere: Se cair em desuso, vai ocorrer com dorama o que já ocorreu com outras palavras que eram muito usadas no passado. Quem lê textos jornalísticos e textos literários dos anos 1950, anos 1940, até essa fase da língua portuguesa no Brasil, encontra ali o termo *busílis* em expressões como "Aqui está o busílis, aí é que é o busílis".

Arnaldo Niskier: Busílis da questão.

Ricardo Cavaliere: O busílis da questão. E hoje já não se encontra um falante do português no Brasil que use frequentemente essa palavra, é um termo que está com o seu caminho quase que vedado.

Arnaldo Niskier: Queremos felicitá-lo pelo trabalho da Comissão de Lexicografia e Lexicologia da Academia e desejar muito sucesso.

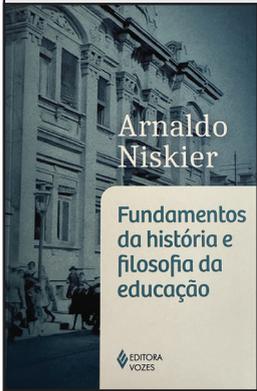
J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO



O acadêmico Arnaldo Niskier revisitou alguns fundamentos da história e filosofia da Educação e, com a colaboração da professora e jornalista Manoela Ferrari, registrou algumas lições para as novas gerações de educadores. O resultado foi a publicação de *Fundamentos da História e Filosofia da Educação*. Com o selo da Editora Vozes, a robusta publicação com 309 páginas não tem a pretensão de ditar diretrizes, nem apontar métodos a seguir. A obra expõe, de forma didática, com linguagem clara e fartura de dados, os desafios históricos do país, revisitando os modelos e as práticas que já

deram certo. A intenção é fornecer dados para projetar, com maior lucidez, um futuro com as necessárias transformações estruturais das experiências educacionais. Ainda não há respostas conclusivas de como deverá ser a melhor prática ou metodologia adotada no modelo híbrido de ensino que veio para ficar. Mas é fato que a travessia do período de crise derivada da pandemia levou os especialistas a concluir que não se pode voltar a lecionar apenas no modelo tradicional. É urgente reverter o quadro que ceifou o direito ao desenvolvimento pleno de uma geração inteira, anulada pela dificuldade de planejamento público e pela falta de priorização da educação.

BENTO XVI – SIMPLEMENTE UM PEREGRINO

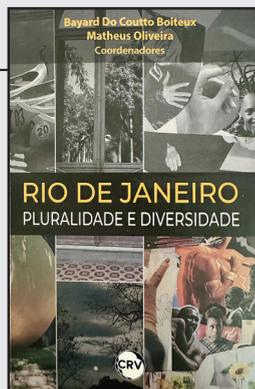
No livro *Bento XVI – Simplemente um peregrino* (Angelus Editora), primeiro volume de uma trilogia, Silvonei José Protz traz reflexões de Papa Bento XVI, que ajudam a aprofundar a compreensão da fé e do sentido de ser Igreja, guiado pela sabedoria de um papa que marcou a Igreja Católica, de 2005 a 2013, falecido há pouco mais de um ano. Com prefácio do cardeal Odilo Pedro Scherer e comentários de nomes, como o cardeal Orani João Tempesta, arcebispo do Rio, a ideia da obra é colocar luz em focos de pensamentos de Bento XVI, para ampliar o diálogo com os que se interessam pelo tema. *Simplemente um peregrino* foi tirado de um discurso que o papa fez ainda dia 28 de fevereiro de 2013, antes de concluir o pontificado. Natural de Guarapuava, Paraná, Silvonei José Protz é conhecido como a *Voz brasileira do Papa*, por conduzir as transmissões das celebrações pontifícias em língua portuguesa. Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, formado em Jornalismo, Economia e Sociologia, além de ser o diretor-responsável do programa brasileiro da “Rádio Vaticano – *Vatican News*”, onde trabalha há 34 anos, é professor no Centro Cultural da Embaixada do Brasil junto ao governo italiano.



RIO DE JANEIRO: PLURALIDADE E DIVERSIDADE

A coletânea *Rio de Janeiro – Pluralidade e diversidade* (Ed. CVR, 2024) reúne artigos de dez autores: Sergio Costa e Silva, Sylvia Faillace, Hanna Cantora, Douglas Andrade, Patrick Sabatier, Marcelo Daher, Alana Morgana, Jacqueline Chicralla (*in memoriam*), Vanuza Postigo e Regina Andrade. Apresentados pelo prefácio da jornalista e escritora Manoela Ferrari, a obra foi organizada pelos embaixadores do Turismo do Rio Bayard Do Couto Boiteux e Matheus Oliveira. Os textos fazem emergir a diversidade étnica, cultural, biológica, turística e geográfica do Rio de Janeiro, amplificada por abordagens que, embora distintas, dialogam entre si. A unidade temática transforma a pluralidade em harmonia.

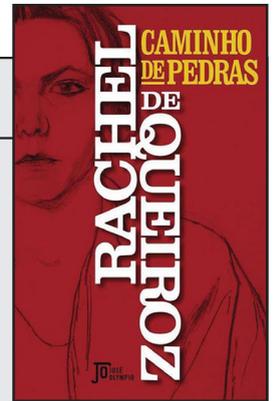
A narrativa oferece, com evidente sensibilidade, não só um olhar social, político, religioso ou psicológico, mas passeia, também, por especificidades, como a democratização da cirurgia plástica ou o posicionamento da pluralidade através de projetos culturais, como o “Música no Museu”, que, com sua diversidade, oferece inéditas oportunidades de inclusão social, ou histórias de vida plurais, como a do artista plástico e cineasta San Martini. A coletânea nos convida a pensar, igualmente, na assertividade da escolha do tema. É preciso buscar a conscientização necessária a respeito de questionamentos que exigem incluir, de maneira ampla e diversa, a nossa máxima atenção.



CAMINHO DE PEDRAS

Romance mais engajado de Rachel de Queiroz, *Caminho de Pedras*, adotado pelo vestibular da Fuvest para 2026 e 2027, retornou às livrarias com o selo da Editora José Olympio, do Grupo Editorial Record.

Expressão de um socialismo libertário que poucas vezes voltaria a aparecer nos textos de Rachel de Queiroz, primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras e a primeira a receber o Prêmio Camões, neste livro, aparecem as primeiras demonstrações de um estilo mais introspectivo e de análises psicológicas que alicerçam cenas de forte intensidade emocional. Um arranjo arguto para contar a história de uma paixão proibida inflamada pela luta. Em *Caminho de Pedras*, Rachel de Queiroz nos revela a força de uma mulher que decide seguir seus desejos, mesmo que isso implicasse um divórcio. Numa sociedade em que a mulher deveria desempenhar exclusivamente os papéis de mãe, esposa e dona de casa, Noemi é tanto infratora quanto heroína da própria história. Rachel de Queiroz nasceu no dia 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará. Ainda não havia completado 20 anos quando publicou uma modesta tiragem de *O quinze*, seu primeiro romance. Mas tal era a força de seu talento que o livro despertou imediata atenção da crítica de todo o Brasil.



SUS, UMA BIOGRAFIA – LUTAS E CONQUISTAS DA SOCIEDADE BRASILEIRA

O Sistema Único de Saúde (SUS), referência no mundo, tem sua história contada no livro *SUS, uma Biografia – Lutas e conquistas da sociedade brasileira* (Editora Record), escrito pelo médico Luiz Antonio Santini, um dos responsáveis pela iniciativa, e pelo historiador Clóvis Bulcão. Dividido em dez capítulos, a obra é apresentada por Walter Zoss, consultor técnico da Fiocruz, e tem a orelha assinada por Armínio Fraga. A narrativa vai além das lutas e dos pleitos para a implementação do SUS, possibilitada pela conjunção favorável de fatores relacionados à política, educação, ciência e história. O texto passa pela história da medicina do Brasil, desde os primórdios do descobrimento, exercida, durante séculos, por pajés e curandeiros. Novos paradigmas vieram com a Família Real em 1808 e, no século seguinte, com os sanitaristas Oswaldo Cruz (1872-1917) e Adolfo Lutz (1855-1940). A biografia, com 350 páginas, leva-nos também à história do ensino da Medicina no país, trazendo à tona os subterrâneos da Saúde Pública. O início do SUS em São Paulo, estado que já investia na pesquisa e em tecnologia para a Saúde, e o SUS como peça-chave no combate à recente pandemia da Covid-19 são abordados de forma minuciosa.



ENFEZADO NUNCA MAIS

Para entender os problemas causados pelo intestino, cientistas do mundo inteiro seguem publicando estudos em busca de solução. Em *Enfezado Nunca Mais – Como ter um intestino livre na prática* (Ed. Rocco), a psicóloga e nutricionista Thaís Araújo reúne, ao longo de 128 páginas, um conhecimento científico denso, somado à sua experiência clínica com mais de dez mil pacientes curados. O resultado é uma obra acessível, com um texto didático, de fácil entendimento, demonstrando que todos podem ter um intestino que funciona por meio do consumo de alimentos práticos diários. Uma leitura indispensável para quem quer ter saúde intestinal com base em evidências científicas e com a orientação de uma das maiores autoridades em intestino do Brasil.

Thaís Araújo é nutricionista e psicóloga, com mais de vinte anos de experiência clínica. Criadora do “Método Intestino Livre”, já atendeu cerca de dez mil pacientes no mundo. Profissional reconhecida pelo seu pioneirismo em tratar uma série de comorbidades a partir do intestino, Thaís é pós-graduada em Nutrição Clínica Funcional pela Unicsul/VP e tem como marca sua credibilidade e capacidade de traduzir conceitos complexos em uma linguagem acessível. Seu projeto *Caravana do Cocô* pretende difundir conhecimentos sobre saúde intestinal no Brasil e em Portugal.



ANGLO-AMERICANO! AQUI, O ACOLHIMENTO TÁ EM ALTA!



NO CORAÇÃO DO CONDOMÍNIO
NOVA IPANEMA
- BARRA DA TIJUCA -

DO BERÇÁRIO
AO ENSINO MÉDIO

VISITE-NOS

3325-8080

www.angloamericano.edu.br

 @anglo.barra



Adeus a Ziraldo, o eterno bom menino

Por Manoela Ferrari

Ziraldo, um dos maiores fenômenos editoriais no Brasil, criador do célebre “Menino Maluquinho”, representa uma das maiores perdas da literatura brasileira desses últimos tempos. Um dos escritores infantis mais conhecidos do mundo, com obras traduzidas para diversos idiomas, o eterno “bom menino” morreu em casa, dormindo, aos 91 anos, no dia 6 de abril.

O humor e a crítica estão unidos na plasticidade de suas obras. Premiado pelo seu trabalho na literatura e no humor, atuou intensamente na ilustração de livros, elaboração de materiais educativos, criação de charges, caricaturas e logos, como o ícone da ecologia apresentado na Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro.

Com quase 200 obras publicadas, Ziraldo Alves Pinto nasceu em Caratinga, Minas Gerais, no dia 24 de outubro de 1932. A origem do nome, tão diferente, surgiu da combinação dos nomes da mãe, Zizinha e o do pai Geraldo.

Desde criança, já mostrava talento artístico. Com seis anos, teve um desenho publicado no jornal *Folha de Minas*. Adulto, largou o diploma de Direito para dedicar-se ao desenho.

Carreira

A carreira começou na revista *Era Uma Vez*, quando fazia colaborações mensais. Em 1954, começou a trabalhar no jornal



O maior sucesso de Ziraldo, *O Menino Maluquinho*, com mais de 100 edições e 3 milhões de exemplares, tornou-se um ícone da literatura infantil brasileira.

Folha da Manhã (hoje *Folha de S. Paulo*), desenhando em uma coluna de humor.

Depois de trabalhar na *Manchete Esportiva*, em 1957, foi para a revista *O Cruzeiro*, publicação de grande prestígio na época. Nesse mesmo ano, formou-se em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1958, casou-se com Vilma Gontijo (ficou casado até o ano 2000), com quem teve três filhos, Daniela, Antônio e Fabrícia.

Depois, casou-se com Márcia Martins da Silva. Em outubro de 1960, lançou a primeira revista brasileira de quadrinhos e colorida, de um só autor, intitulada *Pererê*. As histórias da revista já vinham sendo publicadas em cartuns nas páginas da revista *O Cruzeiro*, desde 1959.

Segundo o próprio Ziraldo em sua autobiografia, o “Pererê” era um dos símbolos da época. Um tempo em que se acreditava que, pelas ideias, poderia se mudar a história.

Hoje, as histórias do Pererê fazem parte da memória nacional, tendo marcado uma fase na história deste tipo de publicações no Brasil.

Vivendo no Rio há mais e 50 anos, Ziraldo era carioca por adoção. Para ele, o melhor da cidade eram os cariocas, que o autor considerava como uma “entidade”: “A alma da cidade.”

O AVC, sofrido pelo cartunista, em 2018, no Rio, pegou todos de surpresa, porque ele sempre teve boa saúde. Recentemente, disse em entrevista: “A velhice é uma coisa que acontece de surpresa.”

Descanse em paz, mestre.





Posse histórica na ABL



Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Fotos: Richam Samir



Ailton Krenak na ABL.

Primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Casa de Machado desde a sua fundação, o ambientalista, filósofo e poeta Ailton Krenak tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em cerimônia histórica, com a presença, entre outras autoridades, da ministra da Cultura Margareth Menezes, do ministro dos Direitos Humanos, Silvío Almeida, da presidente da Funai, Joênia Wapichana, e do representante do ministério dos Povos Indígenas, Eloy Terena.

A movimentação de cocares com diversas cores e tamanhos no Petit Trianon deixava claro que seria uma noite diferente de toda as posses anteriores na Instituição, fundada em 1897. Quando Ailton Krenak saiu do clausuro protocolar de 15 minutos no Salão Francês, indígenas dos povos Guajajara, Pataxó, Xavante, Tupinambá, entre outros, agitaram seus maracás e começaram a cantar e dançar no chão de mármore, sob o lustre de cristais.

Líder espiritual da etnia Krenak, do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, autor de livros como *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* e *A Vida Não é Útil*, o pensador e ambientalista vestia o fardão dos imortais da Casa de Machado, mas trazia na cabeça a tradicional bandana com grafismos do povo Huni Kuin, do Acre. O novo imortal foi recebido por uivos de celebração em meio a um alegre cântico guajajara de boas-vindas, entoado pelo grupo multiétnico da Aldeia Maracanã, na Zona Norte do Rio.

O menu da noite foi produzido pelo buffet *Terra Come*, que veio de Belo Horizonte para homenagear o conterrâneo. Muitas “mineirices” encantaram os paladares, mas a maior atração foram as iguarias indígenas: batata doce roxa envolta numa camada de argila, assada no forno, quebrada com martelo e comida com as mãos, além de sopas com especiarias. “Batata doce é um presente da terra, é chamada o pão da terra”, explicou Silvia Herval, do *Terra Come*, acrescentando: “Na argila, está carimbada a palavra *KRENAK*. O “Kre” significa “cabeça” e o “Nak”, terra. Então, quebramos a palavra antes de comer o “pão da terra”.

Ailton Krenak foi eleito por 23 votos, superando a historiadora Mary Del Priore e o indígena Daniel Munduruku. Passa a ocupar a Cadeira 5, vaga com a morte de José Murilo de Carvalho, em agosto de 2023. A acadêmica Heloísa Teixeira recebeu o pensador indígena, saudando: “Ele traz consigo cerca de 180 línguas para a Academia, cuja missão é a preservação e desenvolvimento de uma única língua: a portuguesa.” A entrega da espada foi feita pelo acadêmico Arnaldo Niskier. O diploma foi entregue por Antonio Carlos Secchin. A comissão de entrada foi formada por Edmar Lisboa Bacha, Joaquim Falcão e Ruy Castro e, de saída, por Ana Maria Machado, Geraldo Carneiro e Antônio Torres.

Fugindo do padrão das solenidades de posse, driblando os protocolos, improvisou boa parte do seu discurso, arrancando aplausos da plateia. Apesar de trazer consigo um texto escrito com ajuda do poeta Antônio Carlos Secchin para lembrá-lo de falar sobre os seus antecessores na ABL, fez o discurso quase todo de improviso, algo inédito nas tradicionalmente formais cerimônias de posse da Academia. Não se poderia esperar menos do homem que, em 1987, aos 34 anos, besuntou o rosto com tinta de jeni-

papo em plena tribuna da Assembleia Constituinte, enquanto defendia, no Parlamento, o direito à existência dos povos da floresta. A cena, que entrou para a história da redemocratização, foi exibida no telão quando a escritora Heloísa Teixeira apresentou o novo imortal no Salão Nobre.

Ao romper com o protocolo dos discursos lidos, o mineiro de Itabirinha foi coerente com a tradição da oralidade do seu povo. Krenak não escreveu nenhum livro publicado com seu nome na capa. Todos foram redigidos com base em palestras, ou em entrevistas, realizadas da mesma forma que se viu na ABL. Ativista desde os anos 1980, o jornalista visita aldeias e cidades do país para falar em conferências, debates, cerimônias e afins. Ele se apoia no saber indígena para fazer críticas ferozes ao consumismo e à destruição do planeta. Nunca leva um texto pronto.

O advogado Eloy Terena, secretário-executivo do Ministério dos Povos Indígenas, explicou: “Faz parte da nossa cultura da oralidade, a gente sente a reação das pessoas e compõe o discurso no momento. Ailton não estava falando sozinho naquela tribuna, tinha a força de todos os ancestrais.”

Na ABL, Krenak abordou frontalmente questões como direitos dos povos originários, dos afrodescendentes e das mulheres. Tocou em feridas abertas ao povo da floresta no decorrer dos séculos, criticou o passado escravocrata brasileiro, condenou o bombardeio israelense na Faixa de Gaza e alfinetou, inclusive, a própria ABL, por apenas recentemente se abrir para a diversidade em seus quadros.

Krenak usou a ideia do “rito” para falar sobre convivência, comunhão e a constituição de comunidades humanas: “O rito é uma das maneiras de a gente instituir mundos. A ideia de ordem e de caos deve estar muito relacionada com a nossa capacidade de produzir sentidos, e a produção de sentidos é um rito, uma reza, uma oração. É uma procissão como diz o querido Gilberto Gil, mestre Gil. É essa ritualização da vida que nos dá potência para ir além da nossa rotina de reproduzir cotidianos”, afirmou.

A promotora de eventos Julia Xavante, da Aldeia Maracanã, zona norte do Rio, estava emocionada no final da cerimônia: “Viemos dar apoio. O Ailton não está sozinho lá na frente. São 305 povos no Brasil dando respaldo. Só no Rio existem mais de 10 mil indígenas, mas se a gente não usa penas na cabeça, ninguém nos enxerga. Nunca tínhamos pisado na ABL, mas hoje estamos aqui, aldeando esta casa”, afirmou.

O colega de fardão Gilberto Gil elogiou a eleição do indígena: “A casa mostra que se dispõe, finalmente, a receber a pluralidade brasileira. Ailton representa isso de forma cintilante. Ele tem um gosto verdadeiro pela palavra. É um lavrador de palavras. Um palavrador.”

Uma das intenções do novo imortal é convidar a ABL para criar uma plataforma que tenha uma experiência parecida com a da “Biblioteca Ailton Krenak”, disponível para quem deseja ter acesso a centenas de imagens, textos, filmes e documentos.



Ailton Krenak recebeu a espada do imortal Arnaldo Niskier.

BIOGRAFIA

Jornalista de formação, Ailton Krenak é sobrevivente do massacre sofrido pelos krenaks desde o contato com o homem branco, no século XVI. Expulsos de suas terras e quase dizimados, eles ocupam hoje uma área restrita no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Foi ali que o ambientalista nasceu, em 1953.

Ambientalista, filósofo, poeta, escritor e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tem vários livros publicados. Ocupante da cadeira 24 da Academia Mineira de Letras, sua obra está traduzida para mais de treze países.

Em 2020, conquistou o Prêmio Juca Pato de “Intelectual do Ano”, concedido pela União Brasileira dos Escritores (UBE). Em dezembro de 2021, a Universidade de Brasília também lhe concedeu o título de Professor Doutor Honoris Causa.

Como liderança histórica no movimento indígena, exerce um papel crucial. Ativista do movimento socioambiental, participou da fundação da Aliança dos Povos da Floresta e da União das Nações Indígenas (UNI). Na Assembleia Constituinte de 1987, da qual participou por causa de uma emenda popular, assumiu ativo papel na defesa dos direitos de seu povo.

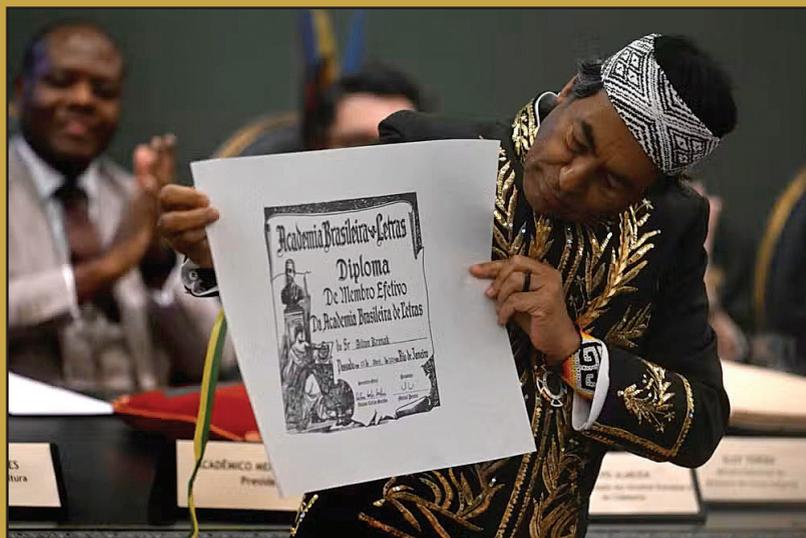
Atualmente vive na Reserva Indígena Krenak, no município de Resplendor, no estado de Minas Gerais.

O sucesso de seus livros mais recentes, como *A Vida Não é Útil e Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, ambos publicados pela Companhia das Letras, difundiu o pensamento ameríndio para o grande público, propondo novos modos de vida e maneiras de se relacionar com o meio ambiente. Krenak critica o que ele chama de “humanidade zumbi”, uma ideia de progresso que deslocou os homens do corpo da terra e nos levou ao consumo desenfreado e à destruição da natureza: “Quando eu falava há uns 10 anos, com exceção dos antropólogos, ninguém entendia o que eu estava falando. Achavam que eu via filme de ficção-científica demais. Mas as mudanças climáticas estão aí, elas vão matar todo mundo, inclusive os imortais.”

O novo acadêmico vai sugerir à instituição a criação de uma plataforma colaborativa sobre estudos a respeito das línguas nativas no Brasil. Será uma forma de ampliar o acesso de quem está mais distante dos grandes centros urbanos, caso de populações indígenas.

Ao lado, os ministros Margareth Menezes e Silvano de Almeida (Cultura e Direitos Humanos). No alto, à direita, Fernanda Montenegro cumprimenta Ailton Krenak, que, logo abaixo, aparece com o diploma da sua posse.

Abaixo desta, Irani e Ailton Krenak entre Elza e Merval Pereira.



A foto clássica com os imortais da ABL.

Bom ou mau? Bem ou mal?

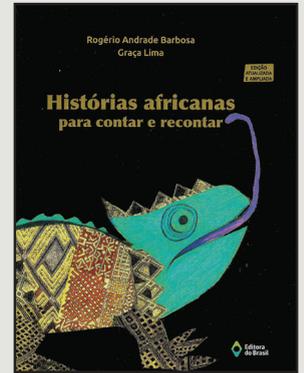
Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com



Uma linda homenagem a alguém tão especial.

Histórias Africanas para Contar e Recontar

(Editora do Brasil) – Edição atualizada e ampliada do mestre das histórias e lendas africanas Rogério Andrade Barbosa, as cores vibrantes das ilustrações de Graça Lima enriquecem as páginas e me lembrei de um contador de histórias antigo – do tempo do rádio –, que sempre dizia quando contava histórias “do tempo em que os bichos falavam”. É só conferir!



O que nos anima e faz seguir em frente é que nem tudo é só ruim e as boas coisas temperam a nossa vida e nos dão esperança.

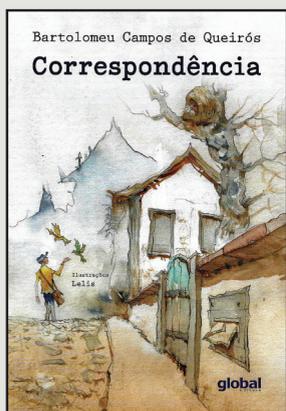
Nada pode ser pior do que a censura, principalmente quando realizada de maneira que alguém consiga cinco minutos de fama. A denúncia leviana contra *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório (Cia das Letras), demonstrou falta de conhecimento e preconceito. Os professores da escola escolheram a obra dentre as indicadas pelo PNL/D/MEC e a diretora parece que não sabia. Triste!

Em seguida, veio a demissão de Henrique Rodrigues, alma dos eventos literários do SESC, e críticas à obra *Outono de Carne Estranha*, do paraense Airton Souza (Record).

Participei do júri do Prêmio Rio de Literatura (Cesgranrio e Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro) desde a sua criação. Em momento algum fomos induzidos a retirar este ou aquele texto e a diversidade esteve presente em todas as obras premiadas, do autor consagrado aos iniciantes. E assim deve ser.

As coisas boas que colorem os meus dias são os livros de literatura infantil, cada vez mais interessantes, inteligentes e atraentes. Se nossas crianças tiverem acesso a eles, se os pais e professores estimularem o contato com bons livros e, principalmente, se a interpretação de textos for valorizada, com certeza vamos ter, no futuro, adultos mais preparados e abertos à criação literária.

Que alegria reencontrar a obra de Bartolomeu Campos de Queirós cuidadosamente reeditada pela Global. Este ano comemoramos os 80 anos desse autor querido.



Correspondência (Global) –

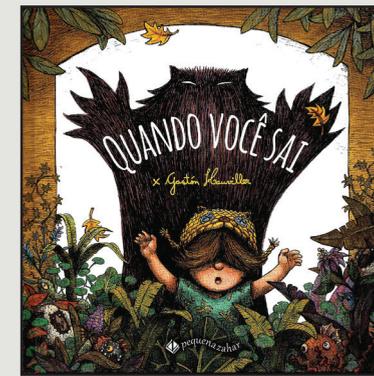
Bartolomeu Campos de Queirós apresenta um interessante jogo de palavras que, aos poucos, seguem distribuídas em várias cartas e nos ajudam a chegar a uma “carta” maior: a nossa Constituição! A delicadeza dos traços de Lelis embelezam o caminho com imagens repletas de brasilidade!

Estátua! (Companhia das Letrinhas) – Todo mundo gosta de brincar de “estátua”, principalmente quando você é o

“pegador”! Mas, tenho a impressão que a garotada não vai gostar de participar da brincadeira com a Bárbara! Por que será? O autor e artista Renato Moriconi venceu o prêmio de melhor livro para bebês na Feira do livro infantil de Bolonha 2024, Itália (*Dia de Lua* – Jujuba).



Mergulho (Editora do Brasil) – O querido Volnei Canônica pode ter uma parte da sua vida dividida em antes e depois do Arthur, seu sobrinho e afilhado querido. Com a participação da amiga de sempre, Mariana Massarani, o autor entra no mundo mágico do menino, descobrindo sentimentos, dúvidas e medos.

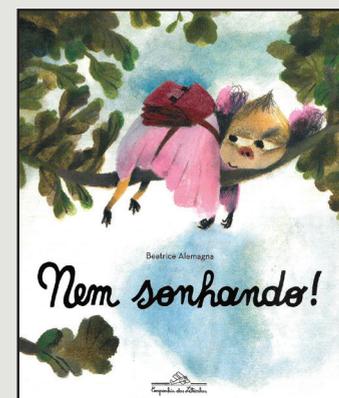


Quando Você Sai (Pequena Zahar) – Texto e ilustrações de Gastón Hauviller, tradução de Ana Tavares. Quais os sentimentos que afligem uma criança pequena quando a mãe sai de casa? Além da angústia pela ausência, tem a demora, a incerteza da volta... Mas nada disso acontece com o personagem desta história. Será? As impressionantes ilustrações permitem várias interpretações das situações apresentadas. Genial!

Quem Foi?! (Brinque-Book) – Ana Palmero Cáceres, ilustrações de Alejandra Acosta e tradução de Nina Rizzi. Em toda família tem sempre alguém que diz: “não fui eu”, mesmo que todos saibam quem fez a coisa errada! Sempre metido em trapalhadas, perturbando os outros e sempre desmentindo a culpa, nosso pequeno personagem apronta com todos, e sempre mantém a calma e a afirmativa de não ter culpa de nada. Até que... alguém também resolve aprontar com ele! Um bom tema para debater com os que não assumem as travessuras!



Nem Sonhando! (Companhia das Letrinhas) – Passei a admirar Beatrice Alemagna ao conhecer *Os Corvos de Pearblosson*, de Aldous Huxley (Record). Posteriormente, visitei a exposição de suas obras em Bolonha (Itália), sua cidade natal. Agora a autora e artista apresenta uma história deliciosa de uma morceguinha com medo de ir à escola. Mas, como em uma mágica, seus pais ficam pequeninos e ela os leva junto. Mas são tantas trapalhadas que a morceguinha Catarina resolve que ir novamente com eles não, nem sonhando! A tradução é de Joyce Almeida.



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



MARIA VALÉRIA REZENDE

(Santos, 1942)

Escritora brasileira. Integrou a direção nacional da Juventude Estudantil Católica. Entrou para a Congregação de Nossa

Senhora – Cônegas de Santo Agostinho em 1965. Graduiu-se em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Nancy e em Pedagogia pela PUC-SP. Fez mestrado em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba. Na década de 1960, começou a trabalhar com educação popular, atuando em diferentes regiões do país e em todos os continentes, em programas de formação de educadores. Viveu no sertão de Pernambuco em Recife e Olinda de dezembro de 1972 a 1976. Mudou-se para a Paraíba em 1976, morando no Brejo Paraibano e, desde 1988, em João Pessoa. Publicou vários livros e artigos de não ficção. Estreou na literatura em 2001, com o livro *Vasto Mundo*. Ganhou o Prêmio Jabuti de 2009 na categoria literatura infantil com *No Risco do Caracol*, em 2013, categoria juvenil, com *Ouro Dentro da Cabeça* e, em 2015, nas categorias romance e Livro do Ano de Ficção, com *Quarenta Dias*. Em janeiro de 2017, recebeu o Prêmio Casa de las Américas pelo livro *Outros Cantos*, e, pelo mesmo romance, ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura e o terceiro lugar no Prêmio Jabuti em novembro de 2017. Em 2020, é a terceira classificada do Prêmio Oceanos de Literatura, com o livro *Carta à Rainha Louca*. É uma das idealizadoras do coletivo literário feminista Mulherio das Letras.

acervo JL



RAFAEL GALLO

(São Paulo, 23 de outubro de 1981) Escritor brasileiro. É autor dos livros *Dor Fantasma* (Prêmio José Saramago), *Rebentar* (Prêmio São Paulo de Literatura) e *Réveillon e Outros Dias* (Prêmio SESC

de Literatura). Como músico e professor, atuou nas áreas de trilha sonora para TV, cinema e outras mídias, fazendo parte do corpo docente da Academia Internacional de Cinema. Em 2012, teve início sua carreira como escritor, ao vencer o Prêmio Sesc de Literatura, com a coletânea de contos *Réveillon e Outros Dias*, publicada pela Editora Record. Em 2015, publicou seu primeiro romance, *Rebentar*, também pela Editora Record. O romance foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura na categoria de “Autor estreante abaixo dos 40 anos”. Em 2022, foi selecionado como vencedor pelo Prêmio Literário José Saramago, em Portugal, com o inédito *Dor Fantasma*. O júri contou com vencedores de outras edições como José Luís Peixoto, João Tordo, Gonçalo M. Tavares, Bruno Viera Amaral e Valter Hugo Mãe, além de Pilar del Río, Guilhermina Gomes e Nérida Piñon. O livro será publicado em 2023, pela Porto Editora em Portugal e em outros países lusófonos, e pela Globo Livros/Biblioteca Azul no Brasil. Foi o quarto brasileiro ganhador deste prêmio literário, além de um prêmio em dinheiro no valor de 40 mil euros. Tem ainda diversos textos publicados em revistas e antologias, tanto no Brasil quanto em outros países, como Estados Unidos, Cuba, Moçambique, França e Equador.

acervo JL



SILVIANO SANTIAGO

(Formiga, MG, 29 de setembro de 1936) Ensaísta, poeta, professor, contista e romancista. Em 1954, principiou a escrever para uma revista de cinema. Ajudou a idealizar e publicar a revista *Complemento*, em 1955. Em

1959, laureou-se em Letras Neolatinas. Especializou-se em literatura francesa, o que o levou ao doutorado na Universidade de Paris, Sorbonne, onde decifrou o manuscrito *Moedeiros Falsos* de André Gide. Em 1969, publicou em Nova York a antologia *Brasil*. Passou pelas universidades de Rutgers, Toronto, Buffalo e Indiana. No Brasil, foi catedrático na PUC-RJ e na UFF. Em 1985, publicou suas traduções para os *Poemas* de Jacques Prévert. Foi nomeado pelo ministro da Cultura como membro da Comissão Julgadora do Prêmio Literário Nacional/1989. Auxiliou Heloísa Buarque de Hollanda e sua equipe a montar o Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), em 1994. No ano seguinte, participou do II Encontro Internacional de Poetas, na Universidade de Coimbra. Em 1996, participou em Toronto da conferência sobre o projeto de História da Literatura Latino-americana, originado em Bellagio. Em 2013, recebeu o prestigioso Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. Em 2015, venceu o Prêmio Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa. Em 2020, recebeu o Prêmio Ezequiel Martínez Estrada, conferido pela prestigiosa Casa de las Américas. Em 2022, recebeu o Prêmio Camões na sede da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

A origem do ano bissexto e do dia da mentira

Por José Augusto Carvalho*

No calendário de Rômulo, o primeiro rei de Roma e seu fundador, o ano começava em março e tinha dez meses, cujos nomes primitivos eram *Martius* (em homenagem ao deus da guerra, Marte), *Aprilis* (nome relacionado a Apros ou Afros, designativo de Afrodite, nome grego da deusa Vênus, a quem abril era dedicado); *Majus* (em homenagem à deusa Maia, uma das Atlântidas, amada de Júpiter e mãe de Mercúrio), *Junius* (em homenagem à deusa Juno, equivalente à deusa Hera dos gregos), *Quintilis*, *Sextilis*, *September*, *October*, *November* e *December*. A relação de *aprilis* com *aperire* (abrir) surgiu posteriormente, na vigência do calendário de Numa Pompílio, por ser abril o mês da primavera, em que “todas as coisas se abrem”.

Numa Pompílio (circa 715-circa 672 a. C.), sucessor de Rômulo, querendo igualar a contagem do tempo romano à dos gregos e fenícios, reformou o calendário de Rômulo, instituindo os meses de *Januarius* (em homenagem ao deus Janus, protetor dos lares) e *Februarius*, do latim *februus*, adjetivo de primeira classe que significa “o que purifica, purificador”. No mês de fevereiro, realizavam-se cerimônias de purificação, como sacrifícios expiatórios e os ritos de purificação chamados “lupercálias”. As lupercálias eram festas em homenagem a Pã, realizadas no dia 15 de fevereiro, em que jovens saíam nus da gruta Lupercália flagelando os transeuntes com um cinto de pele de cabra chamado também lupercal, considerado capaz de eliminar a esterilidade e provocar partos felizes.

Os meses *Quintilis* e *Sextilis* foram rebatizados com os nomes de julho e agosto, em homenagem aos dois primeiros dos doze césores: Julius (Júlio César) e Augustus. Para que julho e agosto tivessem o mesmo número de dias, subtraíram-se dois dias do mês de fevereiro.

O calendário romano tinha três datas com nome próprio: *Kalendas* (o primeiro dia de cada mês), *Nonas* (o dia 5 de todos os meses, exceto março, maio, julho e outubro, em que *Nonas* designava o dia 7) e *Idus* (o dia 15 para aqueles quatro meses e o dia 13 para os outros). O nome *Kalendas* se origina do verbo *calare*, “chamar”, “anunciar” porque era o dia em que se anunciavam as *Nonas*.

Em lugar de numerar os dias em sequência crescente, como fazemos,

os romanos numeravam os dias retroativamente, usando as palavras *Kalendas*, *Nonas* e *Idus*, como pontos de referência. Assim, o dia 3 de abril era chamado, em latim, o terceiro dia antes das *Nonas* de abril (“ante diem tertium *Nonas* *Apriles*”); o dia 9 é o quinto antes dos *Idos* de abril; o dia 26 de abril era o sexto dia das *Kalendas* de maio. A expressão “desde 3 de junho até 31 de agosto” se dizia em latim: “ante diem III *Nonas* *Junias* usque ad pridie *Kalendas* *Septembres*”, isto é, “o terceiro dia antes das *Nonas* de junho até o primeiro das *Kalendas* de setembro”. O dia primeiro de março era chamado *Kalendae Martiae*; o dia 2 de março era chamado “ante diem sextum *Nonas* *Martias*” ou “sextum diem ante *Nonas* *Martias*”. O dia 10 de março é o sexto dia antes do dia 15 (*Idos* de março), que se dizia, em latim, “ante diem sextum *Idus* *Martias*” ou “die sexto ante *Idus* *Martias*” ou simplesmente “sexto *Idus* *Martias*”. Dizia-se, para o dia 21 de setembro: “ante diem decimum primum *Kalendas* *Octobres*”. Assim, os dias eram sempre contados para trás, levando-se em conta os *Idos*, as *Nonas* e as *Kalendas*.

Em 45 a. C, Julio César, após ter consultado, segundo Plínio, o Velho, o astrônomo Sosígenes de Alexandria, reformou o calendário de Numa Pompílio, dando ao ano a duração de 365 dias e 6 horas. No fim de quatro anos, essas seis horas completavam um dia a mais. No ano bissexto, nós acrescentamos esse dia a mais ao último dia do mês de fevereiro, mas, no calendário romano, esse dia a mais era acrescentado ao sexto dia antes do dia primeiro de março (*bis sextum ante kalendas Martias*) isto é, havia dois *sextus dies* antes das *kalendas* de março, daí o nome “ano bissexto”.

Na reforma juliana, havia um erro de 11 minutos e 12 segundos, o que, desde 45 a. C. até 1582, correspondia a uma diferença de dez dias. O papa Gregório XIII, nesse ano de 1582, determinou que o dia 5 de outubro passaria a ser o dia 15 de outubro. O dia 21 de março correspondia ao fim do signo de peixes. A confusão da reforma gregoriana de 10 dias fez crer que o dia primeiro de abril era ainda de peixes, isto é, o signo pularia dez dias para terminar no dia primeiro de abril. Em francês, a expressão *poissons d'avril* (“peixes de abril”), por causa desse engano, passou a designar primeiro de abril como o dia da mentira.

Os números dos anos bissextos são, portanto, aqueles divisíveis por 4. Curiosamente, hoje a diferença entre o calendário juliano e gregoriano é de treze dias.

*José Augusto Carvalho, mestre em Linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP, é autor de duas gramáticas (uma para cursos de pré-vestibular, outra para o curso superior) e de vários livros de estudos de língua portuguesa e de linguística, a maioria dos quais editados pela Thesaurus, de Brasília, e pela Opção, de São Paulo.



arte Desenharte

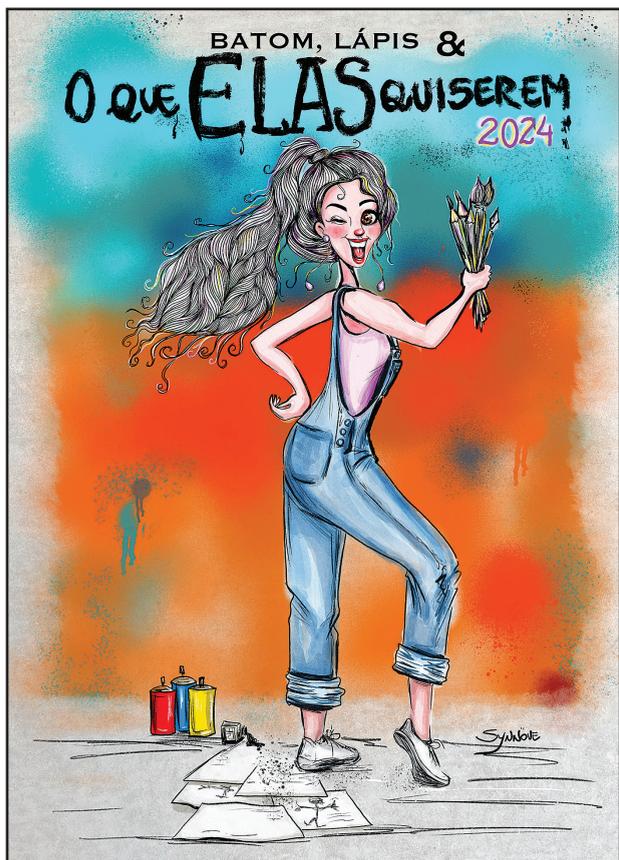
zerobertograuna@gmail.com

Por Zé Roberto

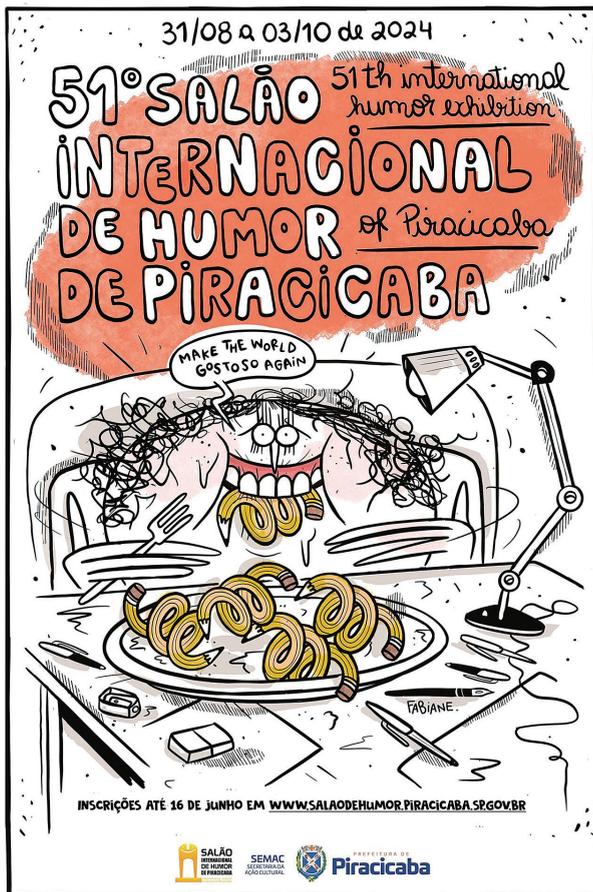
PIRACICABA COM ELAS

Logo no início do ano, começaram a surgir notícias para quem aguardava os primeiros movimentos sobre os eventos do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Pela primeira vez em mais de 50 anos de existência, o evento, que é o maior e mais longo certame do gênero no mundo, concedeu às mulheres destaque como cartazistas e juradas.

Dos 3 eventos que o CEDHU – Centro Nacional de Documentação, Pesquisa e Divulgação de Humor Gráfico de Piracicaba prepara todos os anos, todos tiveram seus cartazes entregues às mãos de 3 das mais talentosas desenhistas brasileiras da atualidade. A novidade começou quando, após as comemorações de ano novo, a caricaturista e escultora Synnöve Hilckner surgiu com o cartaz do evento Batom, Lápis e o que Elas Quiserem, que é uma exposição exclusiva para mulheres cartunistas. Há tempos, a artista participa com destaque em eventos de humor e, especialmente, no Salão de Piracicaba foi premiada duas vezes, em 2016 e 2019, além de marcar presença nas edições do Lápis e Batom, desde 2015. No cartaz, Synnöve apresenta a imagem de uma artista, aliás, que muito se parece com ela, grafitando o título do evento com um fundo em tons de azul e vermelho. Quando perguntei à Synnöve se a bela grafitadora poderia ser ela mesma, a artista respondeu que acabou criando uma personagem que pode, sim, ser considerada como seu alter ego. Depois, em meados de março, foi a vez da apresentação do cartaz do Salãozinho de Humor, dedicado às crianças e pré-adolescentes que sonham um dia tornarem-se cartunistas. Para ilustrar a peça promocional da 22ª edição do Salãozinho, a artista escolhida foi a premiada caricaturista Cláudia Kfourri que, em parceria com seu filho Antônio, de apenas 9 anos, criaram uma ilustração exibindo questões ecológicas, evolução e o universo representado pelo planeta Terra e seus mapas continentais. Conforme a



Cartaz para o evento feminino.



Arte de Fabiane Langona.

concepção inicial ficou por conta de seu artista mirim que, habitualmente, se destaca na escola criando desenhos. “Procurei interferir o mínimo possível no processo de criação, pois queria deixar que o cartaz tivesse o jeitinho dele, com uma mensagem que se aproximasse mais dos pequenos artistas participantes”, disse Cláudia Kfourri, que depois finalizou a arte com auxílio do computador. O resultado, foi um bonito cartaz com nosso planeta cercado de artistas interplanetários e um sutil coração, no estilo Google Maps, “Você está aqui”. Uma autêntica arte de um Pequeno Príncipe. Finalmente, para o principal evento de Piracicaba, no caso o 51º Salão Internacional de Humor, os organizadores convidaram a desenhista de humor Fabiane Langona, que atua com quadrinhos há tempos no jornal *Folha de S. Paulo*. A cartunista passa a ser a primeira desenhista brasileira a

assinar o cartaz do evento mais importante de Piracicaba. Com bastante criatividade e bom humor, Fabiane tirou da panela uma cena com uma glutona devorando uma macarronada de lápis, no estilo “parafuso”. Nas redes sociais, Langona comemora a boa aceitação de sua arte, e define que ela é “tensa, aflita e ansiosa, mas ainda assim, deliciosa e, com certeza, ‘al dente’ até demais!”.

Não bastasse o planejamento para a atuação de três das nossas mais interessantes mulheres desenhistas nas criações dos cartazes, o diretor do CEDHU, Junior Kadeshi, anunciou mais outra inovação, desta vez na escala do júri de seleção. Pela primeira vez na história do Salão de Humor de Piracicaba, o júri que escolherá os classificados deste ano será formado apenas por mulheres. Kadeshi, depois de pedir sugestões para artistas e pesquisadores, selecionou os nomes da agitadora cultural Andreza Delgado, a arquiteta Mona Lisa Martins, a publicitária Valquíria Vlad, a atriz e apresentadora Palomita, a administradora Bruna Caritá (da Galeria Bauhaus Piracicaba) e as ótimas cartunistas Fani Loss e Lorena Kaz.

Até o fechamento desta edição, Junior Kadeshi e sua equipe ainda não haviam definido o júri de premiação, mas o diretor do CEDHU me garantiu que seria um corpo de jurados misto, formado por homens e mulheres.

Todas essas iniciativas miram na importante visão de que é fundamental a participação das mulheres em eventos de humor gráfico, assim como a valorização dessas artistas que raramente se sentem representadas e motivadas a participarem de eventos semelhantes. Que a iniciativa de Junior Kadeshi frente ao Salão de Piracicaba torne-se marketing viral e incentive outros concursos do gênero a fazerem o mesmo. Saúde e Arte!



Salãozinho de Humor.

A historiadora Lilia Schwarcz na ABL

Por Manoela Ferrari



Antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz foi eleita nova imortal da Academia Brasileira de Letras.

Eleita para a Academia Brasileira de Letras (ABL) com 24 votos dos 38 possíveis, a historiadora e antropóloga Lilia Katri Moritz Schwarcz vai ocupar a cadeira número 9, na vaga aberta com o falecimento do saudoso acadêmico Alberto da Costa e Silva (1931-2023), que também era historiador. Lilia garantiu o favoritismo e superou o diplomata e escritor Edgar Telles Ribeiro, que somou 12 votos. Além deles, também concorriam Chirles Oliveira Santos, Ney Suassuna, Antônio Hélio da Silva, J. M. Monteirás e Martinho Ramalho de Melo.

Emocionada, após receber a notícia, a nova imortal declarou: “Não é segredo para ninguém que essa minha candidatura é em honra ao Dr. Alberto da Costa e Silva, para mim faz um imenso sentido entrar na vaga dele. Ele era meu pai espiritual, meu pai intelectual, meu pai afetivo. Gostaria muito de seguir os seus passos e cuidar, em primeiro lugar, da memória. Vasculhar os arquivos como ele fazia e contar uma história mais múltipla. A ABL é fundamental para a memória do país.”

Schwarcz destacou, ainda, o simbolismo de ter sido eleita um dia antes do Dia Internacional da Mulher: “Como antropóloga, acredito muito na eficácia simbólica. Sabemos que o voto feminino tardou na ABL, como em tudo. Somos poucas ainda. Acho que a gente pode incluir, sem excluir ninguém. Há uma memória feminina para ser trabalhada. É uma imensa responsabilidade para mim.”

A acadêmica Heloisa Teixeira comemorou a eleição de mais uma mulher para a Casa

de Machado, sendo a quinta mulher da atual composição da ABL: “Estou muito feliz. A bancada de mulheres está aumentando e Lilia vai aprontar.”

Outros imortais também comentaram o resultado. “A Lilia é uma grande historiadora que já chega com uma tarefa que a gente vai dar a ela. A gente está fazendo uma iconografia de Machado de Assis e ela vai assumir este trabalho”, disse o presidente da ABL, Merval Pereira, após a eleição. “Queríamos mais mulheres, porque perdemos recentemente várias de nossas confradeiras e tínhamos uma dívida com a representatividade da mulher”, acrescentou.

O acadêmico Arnaldo Niskier observou que “a ABL perdeu o diplomata Alberto da Costa e Silva, que foi grande historiador e grande acadêmico e ganhou agora uma nova historiadora”.

Nascida em São Paulo, em 1957, Lilia Moritz Schwarcz é professora sênior do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e Global Scholar (de 2008 até 2018) e atualmente *Visiting Professor* em Princeton.

Recebeu, entre outras distinções, a Comenda do Mérito Científico em 2010; a medalha Júlio Ribeiro (por destaque cultural e etnográfico) da Academia Brasileira de Letras, em 2008; e a Comenda Rio Branco 2023. Faz parte do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural (Iphan) e do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável da República.

Com uma vasta produção acadêmica, abordou, ao longo da carreira, temas como a história do Brasil colonial, a escravidão, a cultura popular e as questões raciais. Publicou mais de 30 livros, entre eles: *Retrato em Branco e Negro* (1987); *Espetáculo das Raças* (1993, Prêmio APCA); *As Barbas do Imperador* (1998, Prêmio Jabuti livro do ano e Farrar Strauss & Girroux 2000); *O Sol do Brasil* (2008, Prêmio Jabuti); *Brasil uma Biografia* (com Heloisa Starling, 2015, finalista Prêmio Jabuti); *Um Enigma Chamado Brasil* (com André Botelho, 2010, Prêmio Jabuti); *A Batalha do Avaí* (2013, prêmio Academia Brasileira de Letras), *Dicionário da escravidão e da Liberdade* (com Flavio Gomes, 2018, finalista Jabuti); *Lima Barreto Triste Visionário* (2018, prêmio Biblioteca Nacional, prêmio Anpocs, finalista Jabuti); *Sobre o Autoritarismo no Brasil* (2019, finalista Jabuti), *Bailarina da Morte: A gripe espanhola de 1918* (com Heloisa Starling, 2020, finalista Jabuti), *Enciclopédia Negra* (com Flávio Gomes e Jaime Lauriano, 2021, Prêmio Jabuti); *Óculos de Cor: Enxergar e não ver* (2022, prêmio Jabuti).

Acadêmicos (da esquerda para a direita): Arnaldo Niskier, Ricardo Cavaliere, Paulo Niemeyer Filho, Arno Wehling, Antônio Torres, Heloisa Teixeira, Zuenir Ventura (sentado), Lilia Schwarcz, Rosiska Darcy, Merval Pereira, Antonio Carlos Secchin, Joaquim Falcão, Domício Proença Filho e Geraldo Carneiro.

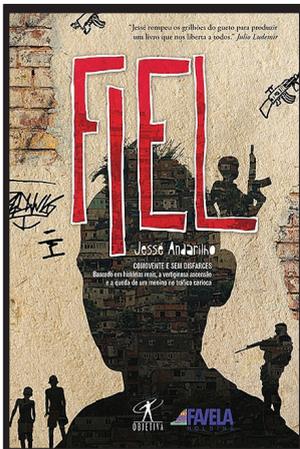


Novos Lançamentos



UM CASAL

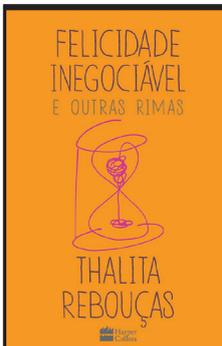
Já diz o ditado popular: antes só do que mal acompanhado. Só que, para Indira e Jude, isso não parece valer muita coisa. Mesmo se odiando desde a infância, esses dois inimigos resolvem fingir ser um casal no casamento do irmão de Indira. Parece loucura, não é? Mas, às vezes, uma dose de fingimento pode nos livrar de uma situação embaraçosa. No caso dela, tudo começou com manteiga de amendoim no corpo do namorado e da garota que estava na cama com ele. Tá certo que o relacionamento dos dois andava meio morno, mas ela não esperava uma traição dessas. Muito menos ter que passar uma temporada na casa de seu irmão e do cunhado – dividindo o teto com o melhor amigo de Collin e rival dela desde os primórdios. Já para Jude, começou com uma dívida estudantil. E, então, três anos em contato com crises humanitárias. Atuando como médico emergencista em zonas de conflito, ele viu mais do que podia suportar. É por tudo isso que eles precisam um do outro nas celebrações de casamento de Collin e Jeremy. Para ela se exibir feliz e bem resolvida na frente do ex, e para ele se manter equilibrado em nome do amigo. O único problema é que tal proximidade forçada e as falsas demonstrações de afeto estão começando a parecer um pouco reais, e ambos têm que lidar com a ideia de que esses conflitos se tornam um pouco melhores quando o outro (antes odiado) está por perto. *Sozinha ou Acompanhada?* de Mazey Eddings com tradução de Lígia Azevedo sai sob a égide da Editora Gutenberg.



HISTÓRIAS REAIS

Na linha de sucessão de escritores como Ferréz e MV Bill, surge *Fiel* (Editora Objetiva), de Jessé Andarilho. Baseado em histórias reais que aconteceram com o autor, seus amigos e conhecidos, o primeiro romance do carioca de 33 anos conta a vertiginosa ascensão e a queda de um menino no tráfico carioca. Fala também, com propriedade, da vida de centenas de jovens das periferias, favelas e comunidades das grandes metrópoles. Com mais um diferencial curioso: foi todo escrito pelo autor nas teclas de um celular para ocupar o tempo que passava dentro do trem a caminho de casa para o trabalho e vice-versa, muitas vezes em pé. Seu interesse pela literatura e pela escrita começou por acaso, quando ganhou de presente

o livro *Zona de Guerra*, de Marcos Lopes. Saiu dizendo para todo mundo que tinha muitas histórias como as do livro para contar. Até que ouviu de um amigo: “Tem história melhor que a do cara, então vai lá e escreve!” Jessé não pensou duas vezes e começou a escrever. Assim nasceu o *Fiel* e também o codinome Andarilho. “Este frenético romance é prova cabal de que a capacidade criativa e empreendedora do povo carioca chegou à literatura, depois de passagens exitosas pela música, pelo teatro e pelo cinema”, escreve o jornalista e também escritor Julio Ludemir.



AUTOACEITAÇÃO

Felicidade Inegociável e Outras Rimas (Editora Harper Collins Brasil) é o primeiro livro de não ficção da escritora Thalita Rebouças. Nesta obra, Thalita aborda temas relevantes para mulheres que, como ela, estão em uma fase mais madura da vida e enfrentam desafios desconhecidos. Com mais de 60 textos que intercalam prosa e poesia, a autora discute questões como menopausa, separação, a decisão de não ter filhos e a aceitação do próprio corpo. É um livro que celebra a autoaceitação feminina e a busca pela felicidade genuína. “Thalita é das minhas. Mulher que veio pra contestar com poesia

os olhares errados. Mulher que te diz com alegria que você tá desatualizado. Mulher que relembra as outras que nosso caminho é lado a lado. Mal sabem eles que nosso envelhecer é ouro, maturidade e tempo bem gastos.” diz Ingrid Guimarães, atriz. Thalita Rebouças, jornalista de formação, deixou a carreira nas redações para seguir seu sonho de ser escritora. Publicou seu primeiro livro, *Traição Entre Amigas*, aos 25 anos, e agora, prestes a completar 50 anos bem vividos, lança sua primeira obra para o público adulto: *Felicidade Inegociável e Outras Rimas*. Em seus quase 25 anos como escritora, já publicou mais de 20 livros e vendeu mais 2,3 milhões de exemplares. Sua obra está presente em diversos países da Europa e da América do Sul, e foram adaptadas para o teatro e cinema. Com *Natali e sua Vontade Idiota de Agradar Todo Mundo*, foi finalista do Prêmio Jabuti 2023.



REFÚGIO

Na superfície, Thalia é uma mulher feliz e bem-sucedida. Incansável, divide seu tempo entre dar aulas de literatura em colégios particulares e atuar nas peças de uma companhia de teatro. Sua trajetória é abalada quando, durante a encenação de uma peça, ela pensa ver, debaixo das luzes do palco, o rosto do irmão falecido. A visão traz à tona uma série de traumas reprimidos e serve de ponto de partida para uma viagem pela história de seus pais e avós. Ao se lançar no abismo da genealogia de uma família, a autora cearense Tércia

Montenegro reflete sobre os enlaces que a constituem, e como um prego no espelho – algo que se fixa numa superfície volátil – tenta capturar uma imagem que parece sempre escapar aos personagens deste livro. Um romance singular, impactante e altamente literário, em que a memória se apresenta como um centro gravitacional incontornável, que insiste a todo momento em arrastar pais e filhos de volta ao mesmo conjunto de medos, mistérios e frustrações. Tércia Montenegro nasceu em 1976, em Fortaleza. É fotógrafa e professora da Universidade Federal do Ceará. Publicou diversos livros de contos e crônicas, além de obras voltadas para o público infantil e juvenil. Seus textos já integraram antologias nacionais e estrangeiras. É autora de *Em Plena Luz* (2019), e seu primeiro romance, *Turismo para Cegos*, recebeu o prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, de melhor romance brasileiro de 2015. Ambos foram publicados pela Companhia das Letras.



CONEXÕES

No seu novo romance, *(entre)* (Editora Tinta Fresca), a autora Nathercia Lacerda, conhecida por sua exploração poética das conexões humanas em *A Casa e o Mundo Lá Fora*, desdobra-se na história da brasileira Ana e seu irmão Antônio. Criados pelos avós após o sumiço dos pais durante o regime militar, passam dias e dias à espera de um possível retorno, retorno esse que nunca aconteceu. Ana agora vive entre a França e a Alemanha, e Antônio na Itália. Ela é dançarina, ele fotógrafo e trocam cartas e mais cartas para diminuir o vazio de seus dias. Até que Ana recebe uma inesperada notícia que vira sua vida pelo avesso. *(entre)* não

é apenas uma narrativa sobre navegar nas paisagens do amor e da perda, mas também um comentário pungente sobre a experiência contemporânea do migrante, identidade e o poder transformador da arte. Em meio ao luto, cartas e caixas com antigos guardados são vetores que desempenham suas funções de manterem as conexões vivas. Este romance é um testemunho da habilidade de Lacerda em misturar prosa lírica com profunda ressonância emocional, oferecendo aos leitores uma visão multifacetada dos desafios e belezas da vida moderna, ecoando o próprio engajamento da autora com questões de justiça social e direitos humanos. Nathercia Lacerda é brasileira, nascida no Rio de Janeiro. Desde 2002, é membro do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI/PUC-Rio).



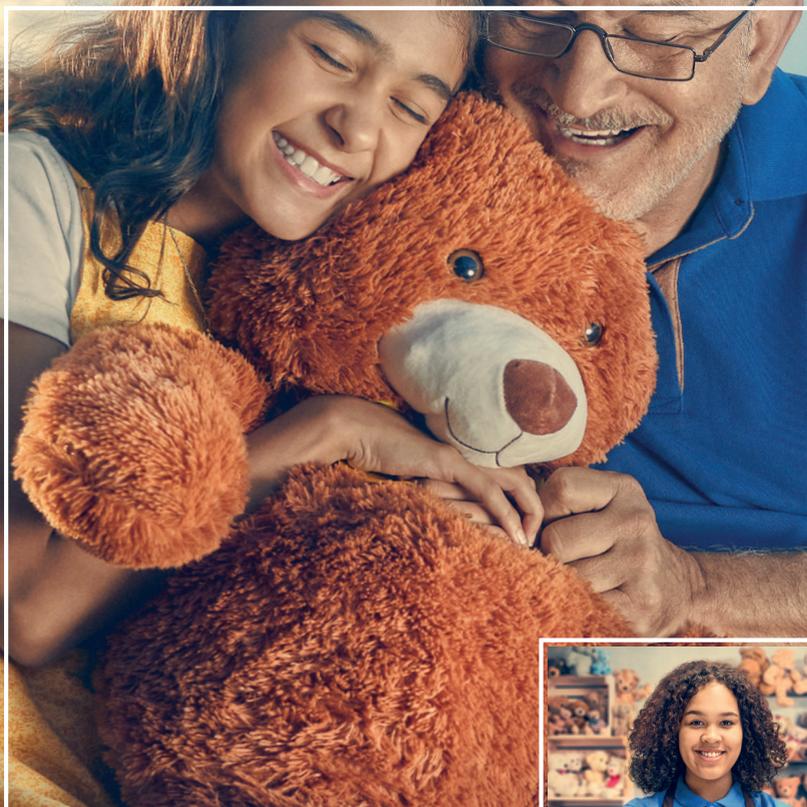
SAÚDE

Em *Nutrir: Receitas simples para corpo e alma* (Editora Best Seller), a supermodelo e defensora do autocuidado Gisele Bündchen apresenta 100 receitas descomplicadas e revigorantes com ingredientes do dia a dia e dicas para alcançar o bem-estar e o equilíbrio do corpo e da mente. Gisele Bündchen acredita que a saúde é nossa maior riqueza e que o bem-estar começa pela comida. Em casa, ela escolhe seguir uma alimentação baseada em proteínas magras e saudáveis e legumes e verduras ricos em nutrientes, mas também acredita em uma alimentação flexível (com direito

a noite de pizza com as crianças!). Nessa rotina também entram receitas sem glúten, com ingredientes como farinha de amêndoas, óleo de abacate e tâmaras. Em *Nutrir: Receitas simples para corpo e alma*, você encontra formas para criar uma rotina cheia de intenções positivas, alimentos nutritivos e gratidão como base para um estilo de vida saudável. São 100 receitas que incluem sugestões para combinações leves e fartas, bem como dicas para tornar as refeições mais atraentes para as crianças. Com dicas que vão desde criar hábitos positivos e romper com ciclos não saudáveis a planejamento de refeições e como minimizar o desperdício na cozinha, *Nutrir: Receitas simples para corpo e alma* vai ajudar você a seguir um estilo de vida equilibrado, melhorando sua saúde, seu estado de espírito e seu bem-estar geral.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
 momentos da sua vida.**

Índia: uma guarânia

Por Raquel Naveira*

Difícil explicar o fascínio de uma música sobre um povo, a ponto de elegê-la uma canção nacional. Foi o que aconteceu com a guarânia “Índia”, do compositor paraguaio José Assuncion Flores (1904-1972), com letra do poeta Manuel Ortiz Guerreiro (1897-1933).

Como esquecer o retrato dessa mulher de sangue tupi, sensual, de cabelos negros caídos nos ombros, lábios de rosa que incitam ao beijo, cheiro de flor e olhar meigo e doce? O amante sabe que partirá em breve, mas deseja tomá-la nos braços por alguns instantes, para levar a sua imagem para sempre.

A guarânia de ritmo lento chegou ao Brasil em 1952 nas vozes da dupla sertaneja Cascatinha e Inhana, numa versão em português de grande sucesso. Vários outros intérpretes, como Gal Costa e Roberto Carlos, deram novos tons e roupagens, com aquela força de quem expressa seus sentimentos e coloca todo o Paraguai dentro do coração.

A índia idealizada romântica tem em *Iracema* o mais perfeito retrato. Personagem do romance de mesmo nome escrito pelo cearense José de Alencar (1822-1877). Conta o amor de um branco, Martim, pela índia Iracema, “a virgem dos lábios de mel”. A própria palavra Iracema significa “mel de abelhas”. Trata-se de uma alegoria para a formação da nação brasileira. Iracema é a própria América, a natureza de “mares bravios”, e Martim, o português colonizador, a cultura europeia. Iracema pertence à tribo tabajara, é filha do pajé, uma espécie de sacerdotisa vestal que guarda o segredo da jurema, bebida ritual. Martim é aliado dos pitiguaras, inimigos dos tabajaras e está perdido em território selvagem e misterioso, numa jornada de tensões. Iracema leva Martim a um bosque e lhe oferece o alucinógeno. Da união dos dois nasce Moacir, o “filho da dor e do sofrimento”, um brasileiro miscigenado. Quando Martim parte em sua caravela, Iracema definha em tristeza, saudade e solidão.

A prosa do livro *Iracema* é poética e paira até hoje sobre a Lagoa de Parangaba onde a índia costumava mergulhar: “Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos.”

E, falando em romantismo, chegamos ao escritor e militar, Alfredo d’Escagnolle Taunay, o futuro Visconde de Taunay (1843-1899). Taunay escreveu o diário de guerra *Retirada da Laguna*. Havia participado da Guerra do Paraguai e do épico episódio da retirada. Conduzidos pelo Coronel Camisão, a coluna brasileira chegou até Laguna, no Paraguai. Sem víveres para o sustento da tropa e afetada

pela epidemia da cólera, a coluna foi forçada a retirar, alcançando finalmente as margens do Rio Aquidauana, no sul de Mato Grosso, com apenas alguns homens alquebrados pela doença e pela fome.

Taunay apaixonou-se então por uma índia da etnia chané, chamada Antônia. Seus cabelos negros guardavam os segredos das noites entre os morros. Ela se perfumava com folhas de laranja e funcho macerado, e sabia pronunciar o nome francês dele enquanto o acariciava: “Taunay, Toné.”

Sobre esse interlúdio amoroso, escreveu o próprio Taunay em seu livro *Memórias*, publicado um século depois de seu nascimento:

“A bela Antônia apegou-se logo a mim e ainda mais eu a ela me apeguei. Em tudo lhe achava graça, especialmente no modo ingênuo de dizer as coisas e na elegância inata dos gestos e movimentos. Embelezei-me de todo por esta amável rapariga e sem resistência me entreguei exclusivamente ao sentimento forte, demasiado forte, que em mim nasceu. Passei, pois, ao seu lado, dias descuidosos e bem felizes, desejando de coração que muito tempo decorresse antes que me visse constrangido a voltar às agitações do mundo, de que me achava tão separado e alheio. Pensando por vezes e sempre com sinceras saudades daquela época, quer parecer-me que essa ingênuo índia foi das mulheres a quem mais amei.”

Guimarães Rosa (1908-1967) veio certa vez para o sul de Mato Grosso para “rodar as etapas da *Retirada da Laguna*”, livro que ele amava. É o que nos revela no capítulo “Sanga Puitã”, do livro *Ave, Palavra*. Já em Campo Grande, escreveu ele, aportam risos do Paraguai em pares de olhos escuros, mal avistados e no ritmo das polcas e guarânias. “Paraguaytalinda! – toa uma harpa, entre guitarras.”

Nesta manhã de sol de domingo, dirijo-me aos quiosques da Feira Indígena do Mercado Municipal de Campo Grande, espaço onde indígenas de aldeias de Aquidauana, Anastácio e Miranda vendem ervas e frutas. Em cestos e bacias espalham-se limões, mangas, pequis, guaviras, palmitos, feijões verdes. Há também potes de mel e orquídeas em xaxins. Os aromas se misturam e nos transportam para a vida e a cultura dos indígenas. No centro da praça, ergue-se uma enorme escultura da Índia Terena, do artista plástico Anor Mendes, em resina cor de terra. Às mulheres índias, cabe o trabalho do cultivo, do artesanato de minúsculas flores brancas pintadas no barro, a força em perpetuar histórias e tradições.

De repente, uma delas se levanta. É uma índia jovem, com cabelos lisos e longos como crinas. Remexe os quadris, enquanto carrega na cabeça uma lata de cajus de castanhas duras como bicos de pássaros. Nas mãos, carrega um vaso de avencas. Desprende-se dela o perfume de frutas maduras, de seixos rolados, de plumagens vermelhas. A primavera fez ninho dentro dela.

*Raquel Naveira é membro da Academia Matogrossense de Letras.

Tempo de aniversário

Por Pe. Silmar Fernandes*

Essas tardes corriqueiras de março são passageiras. Como tudo que é bom na vida!

Aqui um pássaro de manhã canta para anunciar que a vida é boa e o dia promete paisagens e aquarelas.

Ali sopra o vento da tarde sobre o nosso rosto e secretamente parece que o dia se despede também de nós.

Agora, quietos e mudos, há um ensaio de música e memória e esquecimento:

O mar de Portugal, que vi da Praça eloquente do Mercado, brilhava nas águas do poente, e o frio intenso de março calava a minha voz.

A alma de Fernando Pessoa passeava no Tejo.

E Sofia de Melo Breiner Andresen dançava em suas ondas.

Nunca esquecerei o castelo de São Jorge, e o vento intrépido das pedras de um outro mar distante, o mar inóspito de Sagres, que alçou meu espírito para o estado de grande altura, como se houvesse o que chamam de osmose.

No Brasil, meu amável país, muita relva e mares incríveis de suspender o corpo na alma, onde manguezais florescem sem intervalo. E igrejas ensolaradas com seus raios híbridos adentrando pelos vitrais. E as montanhas orantes de Petrópolis como o meu doce refúgio. E a Baía de Guanabara como a melhor visão e meu último destino.

E tudo que sou e hoje se avizinha são laços de mãe e irmãos e signos de sangue, o coração com a forma dos rostos de alguns amigos que são o meu fio de esperança, e altares e sacrifícios e amor infindo de vinho e trigo inseparáveis, longe de ondas revoltas e ventos fatuos.

*Pe. Silmar Fernandes é curador da Comissão de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Dois encontros de escritores em Arinos

Por Danilo Gomes*

A ideia do Encontro de Escritores em Arinos surgiu em 2020. O escritor arinense Napoleão Valadares, há anos residindo em Brasília, já havia conseguido o apoio do prefeito Carlos Alberto Recch Filho, mas surgiu a pandemia de Covid-19 e o evento foi adiado. Aconteceu dois anos depois, com a indispensável colaboração do prefeito Marcílio Almeida.

E assim pegamos a estrada de Brasília para Arinos, na tarde de 19 de maio de 2022. Éramos, na viatura, 13 escritores: Adirson Vasconcelos, Cristóvão Naud, Fabio de Sousa Coutinho, Kátia Luzia Lima Ferreira, Luiz Paulo Pieri, Luiz Valério, Marcelo Perrone Campos, Marcos Sílvio Pinheiro, Mauro de Albuquerque Madeira, Wilson Pereira e o autor destas linhas.

Em Arinos, nos aguardavam Napoleão Valadares, o idealizador e coordenador do acontecimento, e sua esposa Marlene Fonseca Valadares, eficiente e atuante colaboradora.

Em Arinos tínhamos a companhia dos escritores locais Adão Batista, Bira Fonseca e Jaques Valadares.

No dia 20, de manhã, abriu-se o encontro, com a presença do prefeito e destacados membros da administração municipal na área de educação e cultura. Ao longo do dia, tivemos quatro palestras, com auditório cheio, presentes dezenas de jovens estudantes e seus mestres e mestras.

Anderson Braga Horta efetuou um voo panorâmico sobre *A Literatura Brasileira*; Eugênio Giovanardi debruçou-se, com sua experiência de ecossociólogo, sobre *A Água do Urucuia*; Marcos Sílvio Pinheiro abordou o tema *Antônio Dó, um Jagunço Urucuiano*; Wilson Pereira enfocou *A Obra de Guimarães Rosa*. Cumpre registrar que a palestra de Anderson foi lida por Maria José Aguiar e a de Eugênio por Polyana Fonseca Valadares.

Acompanhados de numerosas pessoas, os escritores visitaram o Museu Histórico de Arinos, com a gentil assistência de funcionários da Secretaria Municipal de Cultura.

Durante o Encontro, nenhum livro foi vendido. Numa louvável ação de beneficência, foram doados mais de cem e sorteados vinte. Os

livros sorteados eram de autores falecidos, constituindo a escolha uma homenagem a eles.

Com a palavra, Napoleão Valadares: “A finalidade do Encontro, como se viu, foi trazer ao nosso povo, principalmente à classe estudantil, mais conhecimento sobre os assuntos tratados nas palestras, todas com temas relacionados à nossa região.”

Pouco tempo depois, saía, pela Editora André Quicé, de Brasília, um livro intitulado *Encontro de Escritores em Arinos*, organizado por Napoleão Valadares.

No ano seguinte, 2023, aconteceu o II Encontro de Escritores em Arinos, que também contou com o valioso apoio do prefeito Marcílio Almeida e outras autoridades. Com grande satisfação, voltei a Arinos e vi novamente o rio Urucuia, celebrizado por João Guimarães Rosa nesta frase, que encontramos à beira da estrada, à chegada de Arinos: “Rio meu de amor é o Urucuia.” É mais que uma frase, é um verso carregado de magia e encantamento.

Dessa vez, lá estávamos Adirson Vasconcelos, Ariovaldo Pereira de Souza, Carlos Viegas, Edmilson Caminha, Fabio de Sousa Coutinho, Kátia Luzia Lima Pereira, Marcelo Perrone Campos, Maurício Melo Júnior, Mauro de Albuquerque Madeira, Xico Mendes, Wilson Pereira, Wilson Rossato e este escriba marianense.

Nesse novo Encontro, Edmilson Caminha discorreu sobre *A Poesia de Carlos Drummond de Andrade*; Marcelo Perrone Campos ministrou uma aula a respeito de *O Romantismo no Brasil*; Xico Mendes percorreu o amplo e rico campo de tesouros que denominou *São Romão e Paracatu na Formação de Municípios*; e o autor destas linhas teve a satisfação de palestrar sobre *Afonso Arinos e o Sertão*.

Renovamos a alegria do encontro com estudantes, professores, autoridades, um vasto público. Voltamos a ver as belas atrações do Museu Histórico. Foi, realmente, como da primeira vez, um sucesso, um evento de larga repercussão.

Numa visão de hoje, sinto que aqueles dois inesquecíveis Encontros de Escritores em Arinos constituíram uma inspiração, estão no nascedouro de uma ideia que acaba de se tornar feliz realidade: a fundação da Academia Urucuiana de Letras, aqui em Brasília. Seus fundadores estão cumprindo um importante papel cultural na história da região. Em assembleia, eles elegeram, com sabedoria, seu primeiro presidente, Napoleão Valadares, um paladino dos valores urucuianos. Estou certo de que sob as bênçãos de Guimarães Rosa, patrono de uma cadeira da Academia. A frase de Guimarães Rosa, na verdade um lírico e bucólico verso, fulgura como um lema no imaginário estandarte da Academia Urucuiana de Letras: “Rio meu de amor é o Urucuia.”

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.



Toda teoRiA tem um LaDO PRático. ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

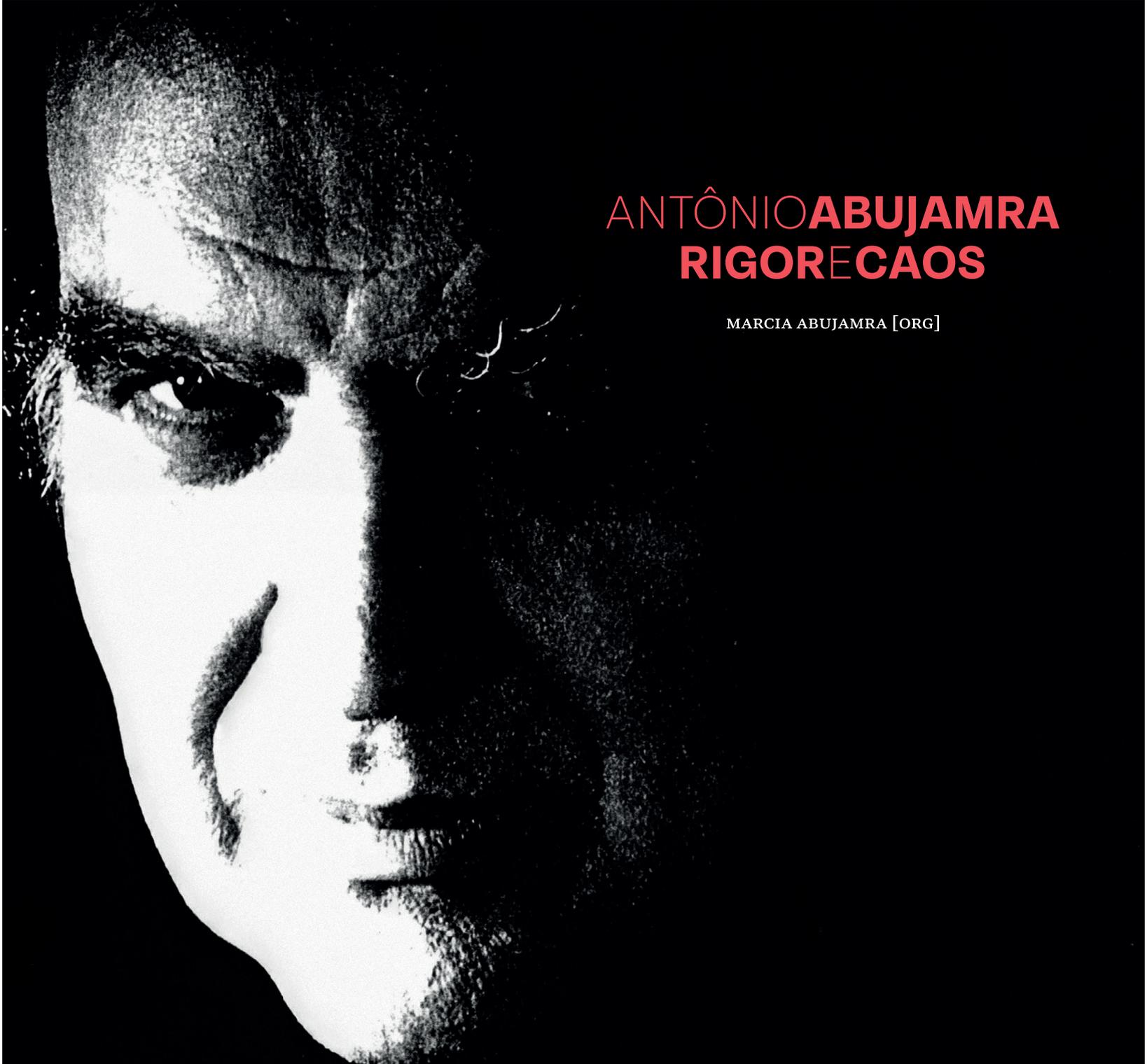
- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545

 CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA
RIO DE JANEIRO

Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



ANTÔNIO ABUJAMRA RIGORE CAOS

MARCIA ABUJAMRA [ORG]

Organizado por Marcia Abujamra, o livro traz artigos de especialistas, depoimentos de Antonio Fagundes, Zé Celso e Vera Holtz, entre outros, além de inúmeras fotos que celebram a vida e a carreira de um dos mais inovadores diretores das artes cênicas do Brasil.

sescsp.org.br/edicoes

    /edicoessescsp

edições
Sesc